



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

DORLANE SARA SEIXAS DE MOURA

**ESCOLARIZAÇÃO E SURDEZ: A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA VOZ DE
ALUNOS QUE ALCANÇARAM O ENSINO SUPERIOR**

Marabá, PA
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

DORLANE SARA SEIXAS DE MOURA

**ESCOLARIZAÇÃO E SURDEZ: A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA VOZ DE
ALUNOS QUE ALCANÇARAM O ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma de Graduação em
Licenciatura Plena em Pedagogia da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do
Pará, sob orientação da Prof^a Dr^a Hildete
Pereira dos Anjos.

Marabá, PA
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

DORLANE SARA SEIXAS DE MOURA

**ESCOLARIZAÇÃO E SURDEZ: A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA VOZ DE
ALUNOS QUE ALCANÇARAM O ENSINO SUPERIOR**

Aprovado em 30 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Tania Moreira
Faculdade de Letras, ILLA /UNIFESSPA/Campus de Marabá.

Prof. Marcelo Gaudencio Brito Pureza
Faculdade de Geografia/ ICH/UNIFESSPA/Campus de Marabá.

Prof^a Dr^a Hildete Pereira dos Anjos (Orientadora)
Faculdade de Educação, ICH/UNIFESSPA/Campus de Marabá.

Dedico este trabalho em primeiro lugar ao Deus que sirvo com todo meu coração, O qual é o meu exemplo diário, motivo da minha perseverança e a razão da minha existência.

Aos meus Pais, Edimar Mota de Moura e Maria do Perpetuo Socorro Cardoso Seixas e ao meu filho Diogo Moura Rocha, as pessoas mais especiais da minha vida, os quais são o meu porto seguro. Minha eterna gratidão pelo o amor, carinho e dedicação, amá-los-ei eternamente.

Aos meus Líderes de Célula: Marcone Leite e Cristina Leite, por todos os momentos compartilhados, e principalmente pelo apoio e torcida na busca deste sonho. Sou grata e feliz por tê-los em minha vida.

Á Thayrine Ana Seixas de Moura minha irmã, companheira, amiga que compartilha as minhas alegrias e tristezas, sempre com paciência e amor, uma irmã que não mede esforços a me ajudar em todos os momentos, sempre terá minha admiração e gratidão.

Ao Diego Avelar Apóstolo meu amigo e futuro esposo, Obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada dia.

À Prof.^a Hildete, pela dedicação e paciência na orientação e o incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Não é o mais forte que sobrevive,
nem o mais inteligente,
mas o que melhor se adapta às mudanças

Charles Darwin

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

À minha família pela confiança depositada, o carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço a minha professora orientadora Hildete Pereira dos Anjos que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Agradeço também aos meus professores do Curso de Pedagogia que durante muito tempo me ensinaram e mostraram o quanto estudar é bom.

Às minhas amigas da turma de Pedagogia 2010 pela convivência compartilhada todos os dias durante nosso período de estudo, jamais esquecerei vocês e terei saudades.

Aos alunos surdos sujeitos da pesquisa, que contribuíram gentilmente para realização deste trabalho.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Muito Obrigada.

RESUMO

Este trabalho analisou a trajetória de escolarização até o ensino superior de alunos surdos no município de Marabá-Pará. A temática foi desenvolvida por meio de uma pesquisa qualitativa sobre o processo de inclusão escolar do surdo, através de suas narrativas. A pesquisa se desenvolveu metodologicamente por meio da entrevista semiestruturada. Utilizam-se como instrumentos metodológicos as transcrições das entrevistas e as análises interpretativas das mesmas. A partir das análises e reflexões constata-se que o processo educacional do surdo deu-se de forma árdua, permeado com obstáculos sobrepostos pelos mesmos através de força de vontade e apoios de sujeitos engajados na implantação da Educação Especial em âmbito municipal.

Palavras-Chave: inclusão escolar; educação especial; surdez; acesso e permanência.

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos do Excepcional
CAP	Centro de Apoio Pedagógico para Deficientes Visuais
FIES	Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
INCLUIR	Programa de Acesso a Universidade
INES	Instituto Nacional da Educação dos Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação (Brasil)
NEES	Núcleo de Educação Especial (Curso de Pedagogia)
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SAPE	Sala de Apoio Pedagógico Específico
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SRMs	Salas de Recursos Multifuncionais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.
URE	Unidade Regional de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. OS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	23
1.1. UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL ...	23
1.2. A PARTICIPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES	24
2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	27
2.1. EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA EUROPA: BREVE HISTÓRICO	27
2.2. EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL	30
2.3. EM MARABÁ: DO ATENDIMENTO DOS SURDOS À INCLUSÃO	32
2.3.1. Educação especial em Marabá.....	32
2.3.2. Trajetória do atendimento educacional aos surdos em Marabá.....	33
3. AS FALAS DOS ALUNOS SURDOS E SUAS INTÉRPRETES.....	35
3.1 OS PRINCIPAIS AGENTES E PROCESSOS QUE MOTIVARAM A PERMANÊNCIA NA ESCOLA	35
3.2. ESTRATÉGIAS PRODUZIDAS PELOS SURDOS PARA SE DESENVOLVER NO MEIO ESCOLAR.....	37
3.3. AS PRINCIPAIS DIFICULDADES EM CADA NÍVEL DE ENSINO.....	37
3.3.1. Séries iniciais: ignorando a especificidade da surdez.....	38
3.3.2. Segundo segmento do ensino fundamental: a situação se agrava pela troca de professores.	39
3.3.3 Ensino Médio: a sala de recursos como estratégia importante	39

3.3.4. Vestibular.....	40
3.3.5. Ensino Superior	41
4. CONCLUSÕES	46
REFERÊNCIAS	49
ENTREVISTA NÚMERO 01	52
ENTREVISTA NÚMERO 02	56
ENTREVISTA NÚMERO 03	60

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa visa analisar a trajetória de escolarização até o ensino superior de alunos surdos em suas narrativas. Trata-se de três entrevistas iniciais que subsidiou o estudo acerca do histórico de escolarização de alunos surdos que chegaram ao ensino superior no município de Marabá, PA.

Diante desse aspecto para melhor compreensão do problema, fez-se necessária uma contextualização da educação especial, recordando seus aspectos históricos, com base em Dota e Alves (2007), Mazzotta (2011) e Mendes (2010), que auxiliam no entendimento acerca da configuração da educação especial para propiciar o conhecimento sobre a ação educativa para os surdos. Perante o objeto, tornou-se necessário uma revisão de literatura para obter esclarecimento sobre a produção científica em torno da temática. Os autores que subsidiaram essa revisão foram Anjos (2012), Meserlian e Vitaliano (2009), Schlünzen (2015), Pereira (2009), Silva (2012), entre outros.

Optou-se pela entrevista como forma de resultar a coleta de dados, tendo como foco os alunos surdos. O método de entrevista foi a semiestruturada, explica-se, que a mesma por oferece um suporte à coleta e por si tratar de questões sobre a temática, permiti que os entrevistados exponham questões livremente. Foram gravados, filmados e transcritos os três relatos de alunos surdos, no que diz respeito ao seu processo de escolarização, considerando que o mesmo se iniciou antes do movimento inclusivo e tem sua culminância no presente, dentro das proposições da inclusão educacional de pessoas em situação de deficiência, cujo reflexo no ensino superior é ainda incipiente.

Durante a construção desse trabalho, realizar as entrevistas com os alunos surdos que chegaram ao ensino superior, não foi uma tarefa fácil. Foram marcados diversos encontros em horários definidos por eles, já que se fazia indispensável à presença da intérprete. Todavia, a pesquisadora respeitando estes horários, não era atendida, por diversas situações, o que resultou a remarcação das entrevistas por muitas vezes. Ao final de várias tentativas, foi possível realizar a entrevista com três alunos surdos que chegaram ao ensino superior na cidade de Marabá. Eles foram entrevistados pela pesquisadora e com a participação de duas intérpretes, para garantir que a comunicação fosse satisfatória, as entrevistas foram gravadas e filmadas para possibilitar a transcrição. As entrevistas tiveram em média 30 minutos de duração e todas foram transcritas

integralmente, respeitando-se a linguagem oral e transcrevendo-se a tradução da interprete conforme Preti (1999) para posterior análise. Tais análises foram feitas por intermédio de quadros analíticos, os quais estão anexados no presente trabalho.

Para a preservação da identidade dos pesquisados, das intérpretes e de todos os sujeitos mencionados pelos pesquisados, utilizam-se pseudônimos. Hélio tem 32 anos, nasceu no município de Jacundá, Pará, e sua surdez se manifestou na infância, a partir de uma doença chamada meningite. Durante seu processo educativo, a migração era constante em sua vida, pois a necessidade, para dar continuidade na sua vida acadêmica. Realizou sua graduação em pedagogia em uma faculdade privada no município de Marabá. Marta, 25 anos de idade, nasceu em Marabá, Pará. Nasceu ouvinte, mas com oito meses de vida com um diagnóstico errado e procedimento médico equivocado, ficou surda, nunca saiu da cidade de Marabá para estudar fora, atualmente está no sexto período de pedagogia em uma faculdade privada do seu município. Keila, 29 anos (também nascida em Marabá, Pará), nasceu ouvinte, mas devido uma doença que ela diz desconhecida, ficou surda. Ela nunca precisou sair de sua cidade natal para dar continuidade em sua vida escolar e acadêmica, atualmente faz o quarto período de Pedagogia em uma faculdade privada do referido município.

A construção deste trabalho contou com a colaboração de duas intérpretes que auxiliaram na comunicação entre a pesquisadora e os alunos surdos. Durante a pesquisa, se identificou uma grande proximidade entre as intérpretes e os alunos surdos pesquisados. No que tange a entrevista, devido à interlocução da interprete e ao não domínio de LIBRAS por parte da pesquisadora, não se tem como acompanhar de que modo as questões foram expostas para os alunos surdos, nem tão pouco a interpretação de suas respostas para a referida pesquisadora, pois no decorrer da transcrição é evidente a opinião ou o ponto de vista das interpretes acerca de situações vivenciadas pelos pesquisados.

Utiliza-se neste trabalho, a expressão “em situação de deficiência”, por considerar que a deficiência não se situa na pessoa, mas na situação sociocultural que expressa um processo de exclusão, baseado na idealização dos corpos e na discriminação. Segundo Diniz (2007, p. 9) deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa em situação de deficiência.

Para os precursores dos estudos sobre deficiência, a linguagem referente ao tema estava carregada de violência e de eufemismos discriminatórios: “aleijado”, “manco”, “retardado”, “pessoa portadora de necessidades especiais” e “pessoa especial”, entre

tantas outras expressões ainda vigentes em nosso léxico ativo. Um dos poucos consensos no campo foi o abandono das velhas categorias e a emergência das categorias “pessoa deficiente”, “pessoa com deficiência” e “deficiente” (DINIZ, 2007, p. 10).

Do mesmo modo, nesta pesquisa não se adota o termo pessoa com surdez, mas sim surdo. O primeiro caracteriza-se por direcionar a atenção para a perda da audição o que desabona o sujeito surdo, e por sua vez não se objetiva neste estudo, o termo surdo remete aos sujeitos que percebem e vivenciam suas experiências através da visão e que se comunicam com os demais através da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), de modo a propiciar seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social (FENEIS, 2015, p.7)

O presente estudo apresenta três capítulos, o primeiro aborda acerca dos alunos em situação de deficiência no ensino superior, faz-se um breve contexto histórico da educação especial e por fim a participação das universidades. O segundo capítulo apanha a trajetória histórica da educação dos surdos, apresenta o cenário da educação dos mesmos, discute a educação dos surdos no Brasil e aborda a educação dos surdos na cidade de Marabá, neste analisa-se o percurso da educação especial em Marabá e o procedimento educacional de surdos na referida cidade. O terceiro capítulo apresenta a análise das falas dos alunos surdos e suas interpretes. Objetiva-se especificamente identificar e analisar os principais agentes e processos que motivaram a permanência na escola, as iniciativas que os alunos produziram para se desenvolver no meio escolar e em cada nível de ensino, as principais dificuldades em cada nível de ensino e por fim a conclusão que apresenta as principais considerações identificadas no decorrer da edificação do presente estudo.

1. OS ALUNOS EM SITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

O presente texto visa refletir sobre a importância dos alunos com deficiência no ensino superior; para entender tal fenômeno fez-se necessário realizar uma breve revisão do processo da construção histórica da educação especial no Brasil, para compreender como se constituiu esse campo e posteriormente discutir sobre as ações que envolvem a educação de pessoas em situação de deficiência no ensino superior.

A história da educação especial no Brasil apresenta várias discussões, conflitos e avanços. Autores como Mazzotta (2011) e Mendes (2010) descrevem que a mesma ganhou seu espaço de forma lenta, por meio da criação de inúmeras instituições, as quais eram de caráter assistencialista. No entanto, vale ressaltar que a história educacional brasileira é conflituosa, pois o país apresenta problemas políticos, econômicos e sociais.

1.1. UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Com base na história da educação especial no Brasil, constam influências europeias e americanas com relação a ações direcionadas para o atendimento aos sujeitos em situação de deficiência, como por exemplo, os modelos de internatos ou de escolas especiais, adotados pela Europa e Estados Unidos os modelos de classes especiais na escola comum e as vitórias dos movimentos organizados pelos pais de pessoas em situação de deficiência.

No século XIX no Brasil, iniciaram-se organizações de serviços para atender cegos, surdos, deficientes físicos e deficientes mentais. Segundo Mazzotta (2011) tais providências eram iniciativas oficiais e particulares isoladas, sendo que a inclusão da educação especial na política educacional brasileira ocorreu no final dos anos 1950 e início da década de 1960 do século XX.

O referido autor apresenta dois períodos importantes para a evolução da educação especial no Brasil, o primeiro período de 1854 a 1956 ele descreve que foram realizadas iniciativas oficiais e particulares isoladas, marcado pela criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854 e mais tarde a criação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos em 1857, os quais foram concretizados por D. Pedro II. O segundo período de 1957 a 1993, Mazzotta (2011) descreve que esse período foi marcado com iniciativas oficiais de âmbito nacionais, com criações de várias campanhas feitas pelo governo federal, voltadas para o

atendimento educacional das pessoas com deficiência (auditiva, visual e mental), ressaltando que foi neste período que a educação especial apareceu na política educacional brasileira.

De acordo com os estudos realizados por Dota e Alves (2007), de 1948 a 1961 foram tomadas medidas de criação de conselhos estaduais de educação e o auxílio financeiro assegurado por lei às escolas privadas que influenciaram a educação especial. Os autores afirmam que, a partir de 1958, o Ministério de Educação iniciou a assistência técnica-financeira às secretárias de educação e instituições especializadas. Em 1986 ocorre a criação da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, a Secretaria Nacional de Educação Básica assume a responsabilidade na implementação da política de educação especial no ano de 1990 e quatro anos mais tarde em 1994 ocorre a Conferência Mundial de Necessidades Especiais, promovida pela a UNESCO e o governo da Espanha, o que deu origem à Declaração de Salamanca.

Segundo Mendes (2010) as mazelas da educação especial no Brasil não se limitam a falta de acesso, mais se estendem a um processo educacional não apropriado, seja por falta de recurso ou por profissionais não qualificados. A referida autora descreve que o processo de construção da história da educação especial no Brasil ocorre de forma paralela ou independente dos movimentos da educação regular, fenômeno que necessita ser repensado, pois segundo a autora deve haver a universalização do acesso, o qual precisa ser projetado pelo sistema da educação geral, eliminando elementos de exclusão e de seletividades social.

Mendes (2010) analisa, para que de fato ocorra o processo de construção de uma escola pública brasileira de qualidade para todos, se faz necessário garantir que o público da educação especial obtenha suas especificidades atendidas. Tal fenômeno representa um desafio, considerando o contexto em que a educação especial se constituiu, pois a história da mesma sempre esteve vinculada ao pensamento assistencialista e filantrópico o que minimiza a responsabilidade do Estado e do poder público em garantir uma educação democrática, inclusiva e de qualidade, pois tais experiências contribuem para a construção sociocultural da educação especial na atualidade.

1.2. A PARTICIPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Com relação às universidades, Anjos (2012) descreve o papel que as mesmas têm assumido, de assessorar, aconselhar, propor ações educativas, formar e treinar; nessa função,

os sujeitos em situação de deficiência apareceriam nos cursos superiores como “temática”. Nessa concepção, a perspectiva de que esses sujeitos chegassem a concluir a educação básica não existia. No entanto, no contexto atual esses sujeitos já fazem parte das universidades, já se fazem presentes nos interiores dessas instituições, não como conteúdo, mas como integrantes do processo educativo dessas instituições.

Para Anjos (2012) se faz necessária a presença de alunos em situação de deficiência nas universidades, pois auxilia a evidenciar os limites, obstáculos e preconceitos que enquadram a cultura universitária. Segundo a autora, as universidades devem refazer seus questionamentos a respeito da inclusão, retirando-se do papel de assessoria e de analista para o de interlocutora, envolvida na questão e fazendo com que as pesquisas se articulem com as experiências dos meios sociais que fazem partes da vivência desses sujeitos.

Na educação superior, a educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão (ANJOS, 2012). Neste sentido o ensino superior precisa refletir sobre a inclusão de pessoas em situação de deficiência, tendo como base as experiências vividas nos centros universitários e a legislação vigente, para ter uma visão de quais dispositivos deveram ser tomados para romper as barreiras atitudinais, arquitetônicas e curriculares.

Com base nos estudos feitos, as universidades brasileiras apresentam várias barreiras no acesso e na permanência dos alunos em situação de deficiência, como por exemplo, estrutura física, profissionais capacitados, preconceitos e discriminação, escassez de investimentos, assessoramento, etc. Se faz necessária a ruptura dessas barreiras e a valorização das diferenças para que de fato as universidades se tornem inclusiva.

No Brasil as pessoas em situação de deficiência têm garantido o acesso as universidades, por meio de ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação Superior/MEC, como por exemplo, o programa Universidade para Todos (PROUNI), o fundo de financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e o programa de Acesso a Universidade (INCLUIR) entre outros.

De fato, atualmente no país existe a necessidade de viabilizar o acesso e a permanência das pessoas em situação e deficiência, o que exige a remoção de barreiras seja no âmbito arquitetônico, atitudinais ou pedagógico. Neste sentido este trabalho analisa a trajetória dos alunos surdos que chegaram ao ensino superior, pesquisando sobre as experiências escolares de acesso e permanência desses alunos até o meio acadêmico, com o intuito de refletir sobre o processo de preparação ao acesso, o acesso e a permanência dos alunos surdos nas universidades. Diante disso, se fez necessário abordar sobre a trajetória histórica da educação dos surdos, para compreendermos as presentes influências no contexto da educação brasileira desses sujeitos.

2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Este capítulo inicia-se por uma breve descrição da trajetória histórica da educação dos surdos, abordando os diferentes momentos vivenciados, para assim compreendermos as implicações que influenciaram a educação desses sujeitos no contexto educacional brasileiro.

Sabemos que a linguagem é considerada a primeira forma de socialização do ser humano com o mundo que o rodeia. Ela é um instrumento utilizado para se comunicar, a qual pode ocorrer de diversas formas, através de gestos, expressões faciais, fala ou escrita. Entretanto para o sujeito surdo, a aquisição desta ocorre através da língua de sinais, que é considerada sua língua materna.

No decorrer do processo histórico da educação dos surdos, estes sujeitos durante muito tempo foram considerados incapazes de pensar, desapropriados de seus direitos e da possibilidade de escolhas, segundo Sá (2003, p. 89) “a situação a que estão submetidos os surdos, suas comunidades e suas organizações, no Brasil e no mundo, têm muita história de opressão para contar”. Desse modo se faz necessário explanar sobre a construção histórica da educação dos surdos.

2.1. EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA EUROPA: BREVE HISTÓRICO

No Século XII, conforme Schlünzen *et al* (2015) os sujeitos surdos eram considerados incapazes de pensar, devido ao fato que a capacidade de raciocínio era considerada diretamente ligada ao ato de falar. Segundo Meserlian e Vitaliano (2009) durante os diferentes momentos da história, estes sujeitos foram colocados à margem do mundo político, econômico, social, cultural e educacional, sendo desprovidos de seus direitos e da possibilidade de escolhas. Os referidos autores em seu texto realizam uma análise histórica da educação de surdos. Em sua análise eles identificam como era a educação de surdos desde meados do século XVI até a contemporaneidade.

Os surdos até meados do século XVI eram vistos como ineducáveis; em consequência disto, considerados como inúteis à coletividade, conforme Dias (2006). Devido a este fato, Meserlian e Vitaliano (2009) afirmam que os surdos enfrentavam o preconceito, a piedade, o descrédito, e até mesmo a denominação de loucos. De modo geral, quando os referidos autores analisaram as formas de tratamento oferecidas às pessoas surdas, perceberam que estas se

desenvolvem em função da concepção do homem, difundida nos diferentes períodos do percurso da humanidade.

Meserlian e Vitaliano (2009, p. 3737) identificaram, no início do século XVI, registros das experiências do médico pesquisador italiano Gerolamo Cardano, que viveu no período de (1501-1576), o qual “concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos” (JANNUZZI, 2004, p.31). Os autores relatam, pautados em Soares (1999), que Cardano afirmou que o surdo possuía habilidade de raciocinar, isto é, que os sons da fala ou ideias do pensamento podem ser representados pela escrita, desta maneira, a surdez não poderia se constituir numa barreira para o surdo adquirir o conhecimento.

Segundo Meserlian e Vitaliano (2009) outro registro importante que trata de uma experiência educacional com surdos, foi desenvolvida pelo monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), que atuava no mosteiro beneditino de São Salvador, em Oña, sendo reconhecido como o primeiro professor de surdo. Ele conseguiu instruir a linguagem articulada aos surdos, mas destinada apenas aos filhos surdos de ricos e nobres, os quais teriam que ter, em alguns casos, conhecimentos para administrarem os bens da família, conseqüentemente, garantindo a continuidade de seus bens. De acordo com Meserlian e Vitaliano (2009, p 3738) a linguagem visível, na forma de alfabeto visual, foi publicada por Juan Pablo Bonet, em 1620; no livro *Reducción de las letras y arte de enseñar a hablar a los mudos*, este explicava como exercitar o educando para a emissão dos sons.

No século XVIII, segundo Meserlian e Vitaliano (2009, p 3738), surgem vários educadores de surdos, que desenvolveram várias metodologias, dentre eles primeiramente destaca-se o abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789). Conforme Meserlian e Vitaliano (2009, p 3739) A partir da observação de grupos de surdos, L'Epée constatou que eles desenvolviam uma comunicação muito satisfatória por meio do canal viso-gestual. Por meio desta observação, elaborou uma metodologia educacional, denominada de "sinais metódicos", apoiada na linguagem de sinais da comunidade de surdos. De acordo com Lacerda (1998), o método de aprendizagem sugerido previa que os educadores teriam que estudar os sinais com os surdos, com o objetivo de ensinarem a língua falada e a escrita do grupo socialmente majoritário, ou seja, dos ouvintes. Diante disso, Meserlian e Vitaliano (2009, p 3739) compreenderam que neste período aparece a Língua de Sinais, como meio de favorecer o ensino da língua falada.

Conforme Meserlian e Vitaliano (2009, p 3740) a proposta educacional de L'Épée teve êxito, no entanto, nos registros daquele período, há evidência dele ter recebido muitas críticas, justamente pela utilização de uma Língua de Sinais. Seus críticos acreditavam que tal linguagem era carente de uma gramática própria que possibilitasse aos indivíduos surdos à reflexão e a discussão de vários assuntos. Os autores têm como exemplos de críticos, Heinicke na Alemanha e Pereira em Portugal, para eles o pensamento apenas seria possível por meio da língua oral, a língua escrita seria secundária (LACERDA, 1998).

Os referidos autores verificaram que no período do século XVIII as elaborações dos métodos de aprendizagem não se limitavam somente aos educadores, cabia também aos médicos o seu desenvolvimento. Meserlian e Vitaliano (2009, p 3740) mencionam como exemplo, o médico francês Jean Marc Itard (1774-1830) que em 1821, publicou o livro *Traité des maladies de l'oreille et de l'audition*, no qual afirmava que o surdo poderia ser educado apenas pela fala.

Visualizou-se que durante o processo da construção história da educação dos surdos, há um embate entre os estudiosos e educadores que se iniciou desde os primeiros registros sobre os surdos. Embate este, entre o método que prioriza a comunicação por meio da língua falada e o método por meio de sinais, a qual se mantém até a atualidade. Na história dos surdos existe um marco importante, que foi a realização de dois congressos que ocorrem em Milão para discutir e deliberar sobre a educação dos surdos. O I Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos foi realizado em 1872 e deliberou que o meio para a comunicação do pensamento humano é a língua oral, segundo o mesmo, se o surdo fosse orientado devidamente, poderia desenvolver a fala, por meio da leitura labial. O II Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos, de acordo com Meserlian e Vitaliano (2009, p 3741) ocorreu no período de 06 a 11 de setembro de 1880, tendo como participantes 182 pessoas, de diversos países. Este evento provocou uma grande transformação na história dos surdos, pois foi o grupo de ouvintes que tomou à decisão de excluir definitivamente da educação dos surdos a língua gestual.

Como afirmam Meserlian e Vitaliano (2009) nesse Congresso, foram exibidos vários surdos que falavam bem, com o intuito de mostrar a eficiência do método oral. Após o Congresso de Milão, as práticas educacionais foram vinculadas ao Oralismo, o qual se tornou o método oficial de educação dos surdos. Tornando-se um referencial para o ensino e aprendizagem dos surdos, mas os resultados não foram satisfatórios. Segundo Lacerda, 1998, uma grande maioria dos surdos apresentou dificuldade em desenvolver a fala, e quando

alcançavam algum sucesso era insatisfatório em relação à fala do ouvinte, mesmo com o uso de aparelho auditivo. Conforme Meserlian e Vitaliano (2009, p 3743) o oralismo vigorou na educação do aluno surdo por anos, para os referidos autores, o mesmo pode ser encontrado nas escolas que apresentam educação para surdos nos dias atuais. Segundo os mesmos, para o desenvolvimento do oralismo são utilizados três elementos, que são: o treinamento auditivo, a leitura labial e o desenvolvimento da fala, também o uso da prótese individual (aparelho auditivo) que amplifica os sons, com o objetivo de aproveitar os resíduos auditivos do aluno surdo, possibilitando aos mesmos a comunicação oral (SILVA, 2003).

O fracasso acadêmico sofrido pelo surdo deve-se ao oralismo, de acordo com Sacks (1990, p.45), “o oralismo e a supressão do sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral”. Conforme Dias (2006), no ensaio de impor o meio oral, coibindo a comunicação gestual-visual, o oralismo diminuiu a sociabilidade do surdo, criando barreiras para a sua inclusão. Lacerda (1998) aborda evidências de que a maioria das pessoas com surdez profunda, que foram instruídas pelo oralismo, desenvolveu uma fala socialmente insatisfatória, originando um retardamento no desenvolvimento global, especialmente na aprendizagem, na leitura e na escrita.

2.2. EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

A educação dos surdos no Brasil seguiu os passos que mundialmente se apresentaram para essa questão. Inicialmente a preocupação se dava em trabalhar os aspectos da fala, os esforços eram direcionados a possibilitar ao surdo à possibilidade de desenvolver a fala. Em 1857, foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, o qual é considerado a primeira escola para a pessoa surda e que atualmente se tornou o Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES). No entanto, de acordo com Schlünzen (2015) durante um longo período o acesso a essa instituição era restrito, pois as meninas surdas eram impedidas de frequentar o Instituto. Com o Congresso de Milão em 1880, a história do surdo no Brasil foi marcada com a substituição do método que utilizava os sinais como o treinamento em língua oral, pelo o método oral puro/ Oralismo. Segundo Schlünzen (2015, p. 52) “neste período os professores já existentes foram substituído, e os estudantes proibidos de usar sinais”.

O referido autor analisa que a língua de sinais sempre teve a preferência da comunidade surda, por ser a maneira natural desses sujeitos se comunicarem. Segundo o mesmo, a partir de

1871, o INES continuou a funcionar como um centro de integração para o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras). De acordo com o referido autor, nessa época, pelo INES já havia passado em média 18 estudantes, os quais levaram consigo o aprendizado de Libras. Com forme Schlünzen (2015, p. 53) na atualidade do ensino regular brasileiro, a maioria das escolas possui uma proposta bilíngue (ensino da Libras e do Português), e as que não possuem acabam tendo comprometido o rendimento escolar dos alunos, pois os mesmos ficam afastados da sua cultura, criam sinais próprios e se tornam marginalizados.

Meserlian e Vitaliano (2009, p 3746) explicam que a educação bilíngue é uma filosofia de ensino, a qual tem como proposta ensinar duas línguas no contexto escolar considera-se a Língua de Sinais como uma língua natural, e através dela será realizado o ensino da língua escrita. Segundo o Ministério da Educação e Cultura a descrita filosofia resgata o direito do sujeito surdo o ensino da Língua de Sinais, considerando seus aspectos sociais e culturais.

Vale ressaltar um marco na educação da pessoa surda, a Declaração de Salamanca, de 1994, este documento é o orientador do processo de inclusão e referência mundial. De acordo com Salles *et al* (2004) é importante na educação do surdo o direito e o reconhecimento da língua natural do indivíduo, que lança um novo olhar sobre a inclusão desse sujeito. Segundo os mencionados autores, no Brasil se pode constatar que a grande maioria dos surdos submetidos ao processo de oralização apresenta dificuldade de fala e não realizam leitura labial. Tais dificuldades são resultado da discrepância existente no oralismo. Os autores relatam em seu texto que em todo o Brasil, é comum existir surdos com defasagens de aprendizagem e com muitos anos de vida escolar nas séries iniciais sem uma produção escrita compatível com as séries. Salles *et al* (2004, p. 57) discutem que o fracasso presente na educação dos surdos no Brasil é o resultado de representações sociais, sejam históricas, culturais, linguísticas, políticas, respaldadas em concepções equivocadas, as quais reforçam práticas em que condicionam o surdo a superar a deficiência e buscar tornar-se igual aos ouvintes.

A história da educação dos surdos percorreu um longo caminho, com vários impasses educacionais, discussões ideológicas, condicionantes históricos que acabaram por determinar as ações educativas adotadas. Assim como em muitos países, a educação de surdos, aqui no Brasil, passou por fases distintas, as quais apresentam abordagens que influenciaram significativamente a educação dos surdos: abordagem oralista, que consiste em habilitar o surdo na compreensão e na produção da linguagem oral nesta abordagem, o espaço escolar torna-se um laboratório de fonética, na qual são utilizadas técnicas de terapias de fala para que o aluno

supere seu déficit (surdez); abordagem da comunicação total, nesta se aceita a utilização de uma língua gestual, contudo é vista somente como uma ligação de transição para a língua oral; abordagem bilíngue, que sugere como metodologia o ensino de duas línguas, no espaço escolar, a língua portuguesa e a língua de sinais. Diante deste cenário buscou-se abordar a trajetória da educação dos surdos no Brasil, para fomentar as futuras discussões neste trabalho, sobre o processo de escolarização desses sujeitos.

2.3. EM MARABÁ: DO ATENDIMENTO DOS SURDOS À INCLUSÃO

Abordar-se, neste capítulo, o contexto educacional dos alunos surdos na cidade de Marabá-PA. No entanto, faz-se necessário um resgate histórico da educação especial no referido município, abordando os diferentes momentos vivenciados, para assim compreendermos as implicações que influenciaram a educação de surdos no atual contexto educacional. Posteriormente faremos uma breve análise histórica do atendimento aos surdos em Marabá-PA, na tentativa de compreender o âmbito escolar diante da realidade desses sujeitos.

2.3.1. Educação especial em Marabá

Na década de 80, no município de Marabá, estado do Pará, ocorreu a implantação da educação especial, por meio da oferta de atendimentos as pessoas em situação de deficiência nas classes especiais, salas de recursos e ensino itinerante. A Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará (SEDUC), em Marabá 4ª Unidade Regional de Educação (URE) era a responsável pelo seu gerenciamento.

Com a declaração de Salamanca e a LDB 9394/96, a inclusão começou no município por meio dos projetos “Escola Inclusiva: direito as diferenças”, ano de 2000, implantado pelo MEC, e organizados pela equipe de educação especial. Por meio da municipalização do ensino, a inclusão no mesmo ganhou proporção, onde a educação especial passou a ser conduzida pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) (MARABÁ, 2008). De acordo com Pereira (2009) em 2001 iniciou-se a inclusão dos alunos em situação de deficiência no ensino regular, com a proposta as classes especiais foram suprimidas, e o atendimento educacional especializado responsável a atender os alunos de deficiência visual, auditiva e dificuldades acentuadas de aprendizagem, passou a acontecer nas Salas de Apoio Pedagógico Específico (SAPE).

Já no ano de 2004, a cidade de Marabá foi contemplada com o Centro de Apoio Pedagógico para Deficientes Visuais (CAP) Inácio Batista Moura, por intermédio do

MEC/FNDE, o referido centro se tornou uma das principais referências no município. E em 2006 foi criado o laboratório de informática da PROINESP na Escola Municipal de Ensino Fundamental Odílio Maia. Atualmente no município a instituição especializada Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Marabá (APAE) procede com o atendimento. Hoje o departamento de educação especial oferece serviço de atendimento educacional especializado, com fonoaudiólogo e psicólogos em onze escolas de ensino regular.

2.3.2. Trajetória do atendimento educacional aos surdos em Marabá

Os estudos nos revelam que o atendimento ao surdo passou por vários momentos relevantes como o da implantação da inclusão no município em 2000, pois segundo Silva (2012) as salas de recursos foram organizadas por categorias de deficiência, por exemplo, o aluno surdo frequentava a sala regular mais a sala de atendimento educacional especializado para surdos. Posteriormente, em 2007, as salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado) passaram a atender todas as deficiências, o que segundo a referida autora gerou problemas aos surdos, pois tiveram que ser atendidos por professor com pouca ou nenhuma formação em LIBRAS.

No decorrer dos anos, segundo Silva (2012), foram criadas varias medidas de inclusão do aluno surdo no município, como por exemplo, no ano de 2008 a 2011, o NEES (Núcleo de Educação Especial) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O Campus Universitário de Marabá, implementou um projeto de extensão com o objetivo de proporcionar um curso preparatório para o vestibular aos surdos, que cursavam ou tinham concluído o ensino Médio. Segundo Silva (2012), esse projeto não foi mais viabilizado a partir do segundo semestre de 2011 e a medida não alcançou o resultado esperado, devido ao fato de nenhum surdo ter passado no vestibular da universidade pública.

Outra medida também relevante foi a formação continuada em LIBRAS para professores que atuam no ensino comum e também nas SRMs (Salas de Recursos Multifuncionais) com surdos no município, tal medida faz parte da política interna da Secretaria Municipal de Educação, através do departamento de Educação Especial, de acordo com Silva (2012) essa formação não tem a pretensão de formar professores bilíngues e intérpretes, mas de possibilitar no mínimo a interação comunicativa entre o aluno surdo e o professor ouvinte. Contudo, tal medida apresenta alguns problemas de avanço como o tempo disponibilizado, pois a formação ocorre uma vez ao mês, tempo insuficiente para que de fato aconteça um aprendizado da língua de Sinais de qualidade e a rotatividade de professores, pois como aborda

Silva (2012), a rotatividade é o maior problema devido ao fato de, a cada ano, se repete o Curso de LIBRAS e as orientações para a avaliação dos surdos na sala comum, portanto essa formação deixa de ter o interesse dos professores da SRMs, já que o conteúdo é o mesmo a cada ano letivo.

Vale ressaltar que a cidade de Marabá, segundo Silva (2012) possuía somente duas pessoas consideradas fluentes em LIBRAS até 2012, uma é a professora considerada a precursora no ensino de surdos na cidade, atuando desde 1987, a qual participou deste trabalho como intérprete de uma das entrevistas e a outra é a própria autora.

Sabe-se que mudar o contexto atual de assistencialista para inclusivo é um processo gradativo em todos os segmentos da sociedade, e principalmente em cada sujeito. As medidas elaboradas com o intuito de melhorar as condições de inclusão desses sujeitos no município são poucas e isoladas, de acordo com Silva (2012) essas medidas alcançam poucos surdos, pois se restringem a alguns lugares e ambientes. Diante desse cenário faz-se necessário refletir sobre o acesso e permanência desses sujeitos no âmbito educacional.

3. AS FALAS DOS ALUNOS SURDOS E SUAS INTÉRPRETES

Neste capítulo apresentam-se as análises dos discursos de alunos surdos que alcançaram o ensino superior. As entrevistas dos três alunos participantes da pesquisa foram transcritas na íntegra, seguindo as normas de transcrição propostas por Preti (1999). O referencial teórico constitui-se da base teórica discutida neste trabalho. Inicialmente busca-se identificar os principais agentes e processos que motivaram a permanência na escola. No segundo momento, analisam-se as iniciativas que os alunos produziram para se desenvolver no meio escolar, em cada nível de ensino. E por fim analisam-se as principais dificuldades em cada nível de ensino (séries iniciais, segundo segmento do fundamental, ensino médio, vestibular, ensino superior).

3.1 OS PRINCIPAIS AGENTES E PROCESSOS QUE MOTIVARAM A PERMANÊNCIA NA ESCOLA

As falas dos surdos marabaenses entrevistados pretendem descrever o que ocorria no seu processo educacional, mais como uma integração, do que uma inclusão. Nas análises de seus ditos percebe-se que a realidade desses sujeitos era marcada por segregações. Apesar de conviverem juntos (ouvintes e surdos), na mesma turma, não havia quase nenhuma interação. A discussão, no entanto, não é se realmente esses alunos devem estudar juntos, a questão é identificar quais os principais agentes e processos que motivaram a permanência na escola.

Segundo os ditos dos pesquisados a família apreça como o eixo norteador, sendo um dos principais agentes motivacionais para a permanência na escola.

a vovó que levava ele pra escola...também o irmão...duas pessoas que ajudou muito incentivou ele... foi a vovó... e o irmão(+)
e a vovó- -nã::o... dizendo que ele tinha que Estudar::: que tinha que ficar lá::... muito bom... preCIsa estudar:::(HÉLIO/INTER., ls. 10 -11; 51- 53).

a mãe pegava levava para a escola ela ia conversava com o diretor pedia ajuda... mandava trocar de sala...(KEILA/INTER., ls. 27, 28).

O segundo foi à presença de uma professora, ela é considerada a percursora no ensino de surdos na cidade e é visualizada por todos os entrevistados como um agente motivacional, que os ajudaram a prosseguir em sua vida estudantil.

ela sem:::pre gostou de estuda... então a ajuda que ela te::ve foi da mãe::... uma professo:::ra... que foi a ba:::se da vida dela que se chama iara... que ajudou mui:::to no desenvolvimento de:::la... junto com um grupo de surdo... que ela acompanhava... e hoje esse incentivo... esse desenvolvimento que ela tem... porque ela foi uma professora... que sempre estava junto... ela ajuda:::va mesmo... que é a professora Iara (+) (MARTA/ INTER.ls. 28, 33)

da professora iara... franceia... os professores foram esses... a família também a mãe o pai... mas o incentivo maior também foi a iara a Franceia (KEILA /INTER., ls.13, 14).

... ensinou ele(+) ela uma professora mui::to boa... tinha uma falha de comunicação MUIto grande... por causa dos professores na sala comum... mas ai tinha a sala regular... que era a professora iara que ensinava a disciplina... (HÉLIO/INTER., ls 66 a 68)

O terceiro agente motivador foi à própria vontade de se desenvolver, de superar os obstáculos, de progredir e prosseguir na vida estudantil. Esses sujeitos almejam o desenvolvimento de suas capacidades: cognitiva, afetiva, moral e social. São conscientes da sua responsabilidade em relação ao seu futuro.

a vanta::de de desenvolver... vanta:::de de no futuro... ficar BEM:::... ser uma professora... por que ela quer prossegui na pedagogia dela(+)
ela quer desenvolver como ser humano... mas estar junto com as pessoas... são poucos... é ela com ela mesmo... eu quero... eu gosto e no futuro eu vou ser... pronto(+)
isso é determinação dela (MARTA/INTER., ls. 44- 46; 121-123)

ela está estudando só... na vontade... vai escolhendo o tempo... vai estudando... vai pensando... ela vai observando... a motivação na verdade sai dela (KEILA/INTE.,ls. 71,72).

O quarto agente motivacional foi à interação com outros sujeitos (professores, colegas ouvinte e surdos).

... teve pessoas professores também... e alunos que faziam essa troca de conhecimento... mesmo que fosse com português mas com o apoio da sala de recursos... aonde ela ia realmente aprender algo (MARTA/INTER., ls. .62 a 64).

a professora Joyce... ajudando ele todo no que fazia -
tinha uma postura ex-ce-len-te... outros professores da faculdade eram ruins... e não gostava... mas ela era ótima... o nome dela era léo... ela já saiu (HÉLIO/INTER., ls. 133, 134;158, 159).

Segundo o dicionário Scottini (2009) a palavra motivação significa “ação de motivar, persuasão, incentivo para agir”. Percebe-se que esses sujeitos para alcançarem seus objetivos vivenciaram inúmeras situações que representaram obstáculos em sua trajetória, no entanto, para a permanência dos mesmos no processo escolar, apresentam-se agentes motivacionais para os auxiliarem. O curioso é que em suas falas, esses agentes já descritos, são apresentados de forma hierárquica: o primeiro “a família”, o qual se explica por ser a referência de todo ser humano, o segundo a professora percursora da LIBRAS no município, a qual é citada por todos os entrevistados como um agente de grande motivação em sua trajetória escolar, o terceiro a própria vontade de evoluir cognitivamente, de conquistar o seu espaço na sociedade e de se fazer protagonistas na construção do próprio conhecimento. E por último a interação com outros sujeitos, como todo ser humano precisar interagir com o outro, este explica sua importância, por se tratar de um agente crucial na troca e no desenvolvimento do conhecimento.

3.2. ESTRATÉGIAS PRODUZIDAS PELOS SURDOS PARA SE DESENVOLVER NO MEIO ESCOLAR

Na análise dos dados sobre as iniciativas que os alunos surdos pesquisados produziram para se desenvolver no meio escolar, em cada nível de ensino percebe-se que os mesmos superaram as barreiras da educação básica regular e chegam às universidades. Entretanto, para ingressar no meio acadêmico tornou-se necessária a adoção de medidas, as quais demandariam dedicação e empenho, sobretudo diante dos estereótipos que há no meio universitário.

No recorte abaixo aparece a migração como iniciativa para prosseguir o seu desenvolvimento escolar.

a vovó que levava ele pra escola...também o irmão...duas pessoas que ajudou muito incentivou ele... foi a vovó... e o irmão... não aprendeu a ler... ele sempre copiava e fazia as atividades através dos colegas.
da terceira série... ele foi pra Curionópolis... -vai contar uma história- -pra casa da tia... foi pra lá... levou ele pra lá... surdo em Curionópolis falava a linguagem de sinais... o professor ensinava o alfabeto...
...em 1998 ele foi pro Rio de Janeiro... esperou lá:: pra estudar não tinha nada... ficava esperando não tinha nada::da não fazia NAdinha lá...
mãe dele achou por bem tirar ele... e vir pra cá::... com o irmão(+) lá na Folha Seis... procurando uma escola pra surdo(+) na sala de recursos... (HÉLIO/INTER., ls. 10 – 11; 19 – 20; 32 a 34; 37- 38; 39 - 40)

Com base no recorte acima fica evidenciado que houve a migração nas práticas do aluno surdo, as quais subsidiaram a formação de uma base educacional, em virtude da inexistência de estruturas voltadas para a alfabetização que desse suporte a este indivíduo em Marabá no dado período, forçando-o adaptar-se a outros ambientes para atender suas necessidades dentro da concepção inclusiva.

ela diz que ela precisa ter paciência... pra entender a língua portuguesa... e a libras é o que ela sabe... e ela fica fazendo comparações::... e vê o que ela entende e o que ela não entende... é difícil mas ela vem prosseguindo por ela... a vontade de desenvolver... vontade::de de no futuro... ficar BEM::...(MARTA/ INTER., ls. 42, 45)

Em uma sociedade em constantes mudanças as pessoas cada vez mais devem buscar saberes e procedimentos evolutivos coerentes à mesma. E isso não se difere aos alunos surdos entrevistados que no decorrer de sua trajetória escolar, tiveram que aprender: a reconhecer as oportunidades oferecidas, mesmo com dificuldades e paradigmas, aprenderam a fazer, aprenderam a viver juntos mesmo não sendo vistos ou ouvidos inúmeras vezes, aprenderam a ser, autônomos, capazes de buscarem meios de se fazerem presentes no contexto social e educacional.

3.3. AS PRINCIPAIS DIFICULDADES EM CADA NÍVEL DE ENSINO.

Nesta análise procura-se identificar as principais dificuldades vivenciadas pelos os alunos surdos em cada nível de ensino, na busca de compreender como se moldou sua trajetória escolar. Desse modo, para ressaltar os obstáculos vividos por esses sujeitos no processo de escolarização, organizaram-se os resultados das análises em tópicos de acordo com os objetivos da pesquisa, conforme a seguir:

3.3.1. Séries iniciais: ignorando a especificidade da surdez

Segundo as falas dos entrevistados as séries iniciais foram marcadas por exclusão e preconceito, a especificidade da surdez era ignorada, as salas regulares não ofereciam o que esses surdos precisavam para se desenvolverem, ou seja: uma língua compartilhada em sala de aula, onde todos poderiam comunicar-se livremente, sem precisarem colar, sentir vergonha, medo ou reprovarem por não entenderem o português.

“na terceira série ele passa:::va... e::: o professor ficava só fala:::ndo ele não entendia na:::da... só copia:::va dos colegas... não conhecia na:::da... então as séries iniciais dele foi todo o tempo ele colando dos colegas...”. (HÉLIO/INTER., p. 01, ls. 17 a 19).

Através deste dito percebe-se a superficialidade da inclusão do surdo no ensino regular nas séries iniciais, pois o aluno foi inserido na sala regular e as ações necessárias para a inclusão foram inexistentes.

“a professora chamava ela até de burra por que ela não entendia algumas coisas que a professora falava... e ela falava obrigada professora... não pode ficar brigando... ela ficava com vergonha e essa vergonha pode ser até um medo...”. (KEILA/INTER., p. 01, ls. 20 a 23).

Neste trecho aluna surda menciona sua limitação na compreensão da língua portuguesa e a intolerância com a mesma, revelando ofensas e preconceitos sofridos pela a entrevistada. A professora não sabe LIBRAS, e despreza as limitações da aluna.

era com-pli-ca-do pra ela... por que eles ensinavam SÓ o português... a libras não era ensinada para o surdo... então os professores antes queriam que aprendessem o português... só português... tanto é que reprovavam em português... -hoje ainda existe isso- ... e pra ela era mui:::to difícil... muito... muito... muito difícil. (MARTA/INTER., p. 01 ls. 37 a 40).

No dito acima, nota-se a dificuldade da aluna surda em interagir com a metodologia utilizada na sala regular, o que evidencia a sua ineficiência para o ensino do surdo tornando assim penoso o processo de aprendizado desses sujeitos.

Através das análises dos três alunos surdos ficou evidente que as séries iniciais, foram marcadas pela a divisão de mundo, um isolado do outro, onde esses alunos estiveram em desvantagem com relação aos ouvintes. Percebe-se que eles se esconderam em seus mundos silenciosos e temeram a rejeição, levando-os a fazerem de conta que aprenderam porque se sentiam envergonhados por não saberem, lançando fora os questionamentos aos professores, porque acharam que, se perguntassem ou respondessem errado, seriam considerados incapazes.

3.3.2. Segundo segmento do ensino fundamental: a situação se agrava pela troca de professores.

Nos excertos abaixo fica evidente uma prática pedagógica excludente, apesar de elaborações das políticas que garantam à inclusão dos surdos no contexto educacional marabaense, a maneira como aconteceu o processo educativo acabou excluindo o surdo. Devido ao fato de professores ou a instituição educacional, mencionados por esses sujeitos, não usarem estratégias que envolvessem os alunos surdos pesquisados.

era diferente... não tinha amigo professor... era muito legal... ele só diziam legal bom dia... não sabia o que era bom dia... e só dizia que estava legal... entrava na escola... escrevi... só dizia que estava legal pra todo mundo... por que ninguém entendia o que ele falava...(HÉLIO/ INTER., ls. 24, 26).

era muito difícil... ela sempre ficava em recuperação... ou então ela ia pra sala de recursos que já existia na época... (MARTA/ INTER., ls.53, 54) .

no quinto ano... quando ela viu aquela troca “meu deus do céu... trocou” e se assustou e haja professor e ia entrava professor e “meu deus do céu... e agora” e sempre trocava... ela não entendia muito o que acontecia... por que não era explicado. (KEILA/ INTER., ls. 34, 36).

As escolas começaram a seguir uma política inclusiva a partir do momento que legitimou a inclusão escolar e a inserção do aluno surdo na sala regular. Contudo, conhecer leis, legislações, resoluções e pareceres não são suficientes para que de fato uma escolar se torne inclusiva. As dificuldades dos alunos surdos entrevistados no segundo segmento do ensino fundamental continuam voltadas para a questão da “invisibilidade”, eles não eram visto, não eram “ouvidos”. As dificuldades dos surdos não eram consideradas e suas inquietações não eram percebidas.

3.3.3 Ensino Médio: a sala de recursos como estratégia importante

Nas falas analisadas, percebe-se que a inclusão dos alunos surdos entrevistados ocorreu de maneira inadequada e distante do ideal proposto, pode-se considerar que a imagem desses

sujeitos foi baseada em estereótipos e paradigmas, e as interações na sala de aula entre os professores e alunos foram vinculadas as baixas perspectivas sobre o desempenho dos mesmos. Os professores descritos por esses alunos não propiciaram as mesmas oportunidades, com estratégias diferenciadas e com respeito ao tempo de aprendizado de cada aluno e não levaram em consideração suas limitações, percebe-se a ausência de possibilidades de interação com os mesmos, os sujeitos surdos não vivenciaram as experiências e sensações provenientes da inclusão escolar.

sempre a sala de recursos ela levava o caderno pra sala de recurso... e a professora ia fazer o papel da professora da sala comum... no ensino médio ela estudou no GV... primeiro... segundo e terceiro... estudava a noite... também tinha a sala de recurso... que era a mesma situação... o que ela aprendia era na sala de recursos... na sala comum ela muito difícil muitos alunos...era mau... ficava lá brigando... também a mesma situação parecia preconceito que tinha... ela ficava só olhando escrevendo... o professor era mau... olhava lá mostrava pra ela... só não tinha comunicação... nenhuma comunicação. (KEILA/ INTER., ls 39 a 47)

aonde ela ia realmente aprender algo era na sala de recursos... a outra sala ela ficava observando... escrevia para poder levar para a sala de recursos(+) (MARTA/INTER., ls. 64, 65).

O ambiente escolar descrito por esses sujeitos não possibilitou a construção do conhecimento e da convivência com colegas, professores e os profissionais que trabalharam na escola. Segundo esses sujeitos não era um espaço que permitia a investigação e construção de conhecimentos, sobre si mesmo e sobre o mundo. É através de pequenos gestos que operamos grandes mudanças, orientar os alunos sejam ouvintes ou surdos é papel da escola como instituição.

3.3.4. Vestibular

Para Anjos (2012) o ensino superior precisa refletir sobre a inclusão de pessoas em situação de deficiência, tendo como base as experiências vividas nos centros universitários e a legislação vigente, para ter uma visão de quais dispositivos deveram ser tomados para romper as barreiras atitudinais, arquitetônicas e curriculares. Neste sentido a universidade precisa rever o processo seletivo para o acesso das pessoas em situação de deficiência nos cursos universitários.

muito difícil... por que é redação... português... ela precisava estar fazendo... muitas vezes ela nem entende a pergunta... pra ela era tudo esquisito o Enem ela nunca fez... tudo é difícil... o Enem é difícil... ela fez uma vez só (+) (MARTA/ INTER., ls. 78 a 80).

a redação é horrível... ela não sabia que tinha redação... nem conhecia...(KEILA/INTER., ls.55).

ele nunca fez... por que toda vez que ele ia pra faculdade... que queria fazer... tinha o impasse da comunicação... e também a redação... como eles NÃO tem os conectivos e preposições... não tem ligação... não tem nenhum elemento de coesão... nem coerência(+) como é que uma pessoa ia Avaliar a redação dele?... ia dizer que estava errado... por que ele não tem coesão... não tem coerência... preposição... ligação... arTigo... não tem NA::da... ai no caso... como é que eu vou paSSAR? se a minha redação é diferente... então ele tinha receio de lá... então melhor... foi pagar uma faculdade particular(+) (HÉLIO/ INTER., ls 112 a 118)

Nas análises das falas dos surdos, percebe-se que as avaliações necessárias para o ingresso nas universidades públicas não possuem critérios diferenciados, o que resulta na exclusão dos mesmos. Por conseguinte, o mesmo sistema que levanta questionamento acerca da inclusão e a regulamentação, pratica ações excludentes inviabilizando o ingresso dos alunos surdos, por meios processos avaliativos não específicos os quais exigem o domínio da língua portuguesa, o que não é uma realidade para esses sujeitos.

Para tornar-se aceito é preciso pertencer ao grupo social, em dado momento a escola é vista como a mediadora para o ingresso neste grupo, baseado em crenças, rótulos e estereótipos que vem prevalecendo no transcorrer da história da educação desses sujeitos.

3.3.5. Ensino Superior

Segundo Ferreira (2007, p. 44) “inclusão não significa inserir a pessoa com limitações ou dificuldades, e necessidades especiais como mais uma na instituição educacional”. Inclusão é inserir o sujeito no processo educativo, segundo o referido autor envolve a remoção de barreiras atitudinais. Nos excertos abaixo transparecem as situações problemas do surdo na sua permanência em centros universitários.

Esta análise subdivide-se em quatro esferas, analisaram-se os recortes que envolvem os discursos dos alunos surdos: relação com os colegas, relação com os professores, material didático, e dentro do ambiente acadêmico.

3.3.5.1. Relação com os colegas

O termo preconceito denota conjunto de opiniões formadas antecipadamente sobre o outro, sem levar em conta suas capacidades ou suas qualidades. As diferenças entre homens podem ser motivo de união ou discórdia. Essas diferenças podem atrair nossa curiosidade ou nossa rejeição. Nos fragmentos analisados dos discursos dos alunos surdos marabaenses são evidentes as barreiras de relação com os colegas, vivenciados por eles no meio acadêmico.

tem pessoas que querem se aproximar dela e outras não... então assim... é uma divisão de grupos... são grupos diferentes... características diferentes...(MARTA/INTER ls 149-150)

são poucos que ficam junto com ela... até pra ter essa interação- -(intérprete) eu chamei a turma pra dizer que eu estaria chegando as 18:00h pra ministrar um curso de libras- -mas não surtiu muito efeito... nós percebemos as pessoas um pouco distante dela...(ls. 93, 96).
é muito difícil essa questão de interagir com a sala... são poucos que se aproximam dela...(MARTA/INTER ls. 102).

poucas pessoas ouvem... parece assim que as pessoas discriminam... pouca conversa... é aquela questão... as pessoas não conhecem libras(+) (KEILA/ INTER., ls. 64 a 66).

É evidente que a língua é a primeira barreira de interação desses sujeitos. A instituição de ensino para Lacerda (2010) recebem alunos surdos sem ter clareza de como ajustar suas práticas para tornar o espaço educacional bilíngue, e de como favorecer ações que envolvam adequadamente surdos e ouvintes.

3.3.5.2. Relação com professores

Os alunos que entram nas universidades provêm de diferentes famílias e demonstram uma grande diversidade de vivências e de conhecimentos prévios. Diante da grande diversidade, o professor deveria elaborar metodologias pedagógicas necessárias para que os alunos avancem em direção ao desenvolvimento intelectual. No entanto, a relação dos professores com os alunos surdos no município de Marabá não está sendo satisfatória.

ela acha que os alunos aqui ((os colegas)) é muito difícil... se encontram por ali... não se comunicam... não tem comunicação... a professora também o mesmo processo... difícil (KEILA/INTER., ls. 95, 96)

O professor é o responsável por criar um ambiente onde os alunos possam utilizar seus conhecimentos, pensar, discutir ideias para resolver problemas. O professor é o intermediador do conhecimento e como tal deve propiciar práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento intelectual, linguístico, emocional e social dos seus alunos. Para isso torna-se indispensável uma comunicação sem restrições, no entanto para o surdo o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social é propiciado por meio da LIBRAS. No caso dos surdos o uso da língua oral é um obstáculo que não consegue ser ultrapassado. Diante disso se levanta o seguinte questionamento é possível à utilização de duas línguas ao mesmo tempo em uma sala de aula?

Silva (2012) analisa que o ensino bilíngue é uma confusão na prática de vários professores que atuam com os surdos, por desconhecerem metodologias eficientes de ensinar as duas línguas, o que faz o surdo não aprender de forma eficaz nenhuma das duas línguas. Ou seja, a falta de professores surdos, o pouco conhecimento da Libras pelos professores ouvintes

e a dominância dos estereótipos da deficiência no espaços acadêmicos, configuram a falta de oportunidade para os alunos surdos, resultando-se a afirmar que os surdos marabaenses não estão tendo boas oportunidades no ambiente acadêmico. A relação professor, intérprete e alunos surdos e ouvinte, dentro da sala de aula, precisa ser harmoniosa a fim de favorecer o processo de ensino aprendizagem.

3.3.5.3. A presença da interprete

Os surdos por meio da Lei da Acessibilidade, nº 10098 de 19 de dezembro de 2000, que viabilizou o direito de serem acompanhados por um intérprete em sala de aula, tal fato ocorreu até o presente momento, somente nas universidades privadas no município de Marabá. Embora esses acadêmicos tenham o direito de contar com um intérprete ao longo de sua formação, para que possam aproveitar o máximo à interação em sala de aula, exige-se um material didático que supra suas necessidades.

eles passam uns cd's que vem junto com a disciplina... que a professora passa e vai tirando dúvidas... porém nesses cd's na televisão para o ouvinte é bom... mas não tem legenda não tem intérprete... eu ((intérprete)) que preciso estar olhando e interpretando ou então ela tem que ficar fazendo leitura labial por que ela não quer perder nada... aí volta... vai pra casa a mãe ajuda... a família dela é ótima (MARTA/INTER., ls. 154 a 158)

Tal situação dificulta a permanência desses sujeitos, fazendo-se necessário a adaptação do material, pois os surdos querem que percebam e sanem suas necessidades de aprendizagem.

só fala... fala... fala... fala... não olha... se não interprete seria pior ainda... nem olha... aí vem o dvd... não tem legenda é só o cd lá...(KEILA/INTER., ls. 74, 75)

Esses sujeitos buscam uma proposta que os enxerguem como sujeitos capazes de decidirem, de questionarem, buscam sua autonomia no seu processo de aprendizagem. Almejam garantia de acesso e de condições didático-pedagógicas que propicie o conhecimento sistematizado dentro das universidades.

3.3.5.4. As barreiras enfrentadas

No decorrer da história, o surdo teve que provar que é capaz de tomar decisões, de se desenvolver e que quer conquistar seu espaço na sociedade. Com a necessidade de evoluir cognitivamente esses sujeitos procuram conquistar seu espaço nos centros universitários, no entanto, devido à barreira linguística, sua presença está somente nas instituições de ensino superior privadas do município.

difícil era está certinho com o pagamento por que... por que tinha momento que o benefício dele... eles tiravam... por que ele Tinha que comprovar que ele tin::ha essa deficiência... portanto naque::le mês ele não pagava... aí depois ele ia novamente em jacundá... e aí ele organizava a vida dele novamente e pagava tudo direitinho (+) também o tcc... mui::to difícil muita pesquisa... o estágio também... muito difícil... (HÉLIO/INTER., ls. 26, 31).

Há necessidade de viabilizar o acesso e a permanência dos surdos no ensino superior, o que exige a remoção da resistência do meio acadêmico à inclusão das pessoas com necessidades especiais.

MUI::to difícil a disciplina... o pessoal do recurso... não:: tá nem aí lá... pra surdo... ele ficava mui::to preocupado...(Is. 75, 77).

A educação acadêmica constitui um meio para a produção do conhecimento, e neste sentido, as universidades devem viabilizar ações que assegurem a inclusão de pessoas com necessidades especiais no contexto universitário. Nessa direção, é preciso compreender o que é a educação inclusiva.

pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos: que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global, [...] e sempre que possível, todos os serviços educativos sejam prestados nas classes regulares; que se crie um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades [...] que vise o sucesso escolar. (CORREIA, *apud* SANTOS, 2012, p. 436)

Nesse sentido, importa ressaltar que o processo educacional inclusivo, segundo Santos (2012), deve ser um dos pilares que sustenta os Centros Universitários no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, possibilitando descobertas e formas de intervenção em diferentes ângulos que vão entrelaçando olhares, permitindo a troca de experiências e discussões direcionadas à construção de uma sociedade inclusiva.

ele nunca fez... por que toda vez que ele ia pra faculdade... que queria fazer... tinha o impasse da comunicação... e também a redação... como eles NÃO tem os conectivos e preposições... não tem ligação... não tem nenhum elemento de coesão... nem coerência(+) como é que uma pessoa ia Avaliar a redação dele?... ia dizer que estava errado... por que ele não tem coesão... não tem coerência... preposição... ligação... arTIgo... não tem NA::da... ai no caso... como é que eu vou paSSAR? se a minha redação é diferente... então ele tinha receio de lá... então melhor... foi pagar uma faculdade particular(+) (Is 112 a 118)

No interior das universidades, é preciso melhores condições de acesso, permanência e de atuação para os sujeitos surdos. Faz-se imprescindível compreender a educação inclusiva como um meio, em que todos os alunos, com as mais diversas aptidões, necessidades e características, possam aprender juntos.

4. CONCLUSÕES

Ao longo da história da trajetória educacional dos alunos surdos marabaenses, observa-se o universo de diferenças que esses sujeitos estiveram e estão imersos, de acordo com Lacerda (2006) devido às dificuldades acarretadas pela questão da linguagem, A pessoa surda encontra-se defasada no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com o conhecimento aquém do esperado para o nível de escolarização.

A escola na sua função educativa de propor valores e expressá-los através de uma concepção de homem, de sociedade e de cultura, tem como meta principal preparar o educando para a construção de sua própria cidadania. Tendo um grande desafio, o de estruturar ambientes de encontros, diálogos e de construção do conhecimento. No entanto, a escola regular marabaense não ofereceu aos sujeitos surdos um ambiente que os mesmos utilizassem seus conhecimentos e vivências de modo geral, no pensar e discutir ideias no contexto que estavam inseridos, não os permitiu serem ativos no processo de ensino e de aprendizagem. Considera-se a escola como um lugar onde se aprende muitas coisas: a brincar, conversar, estudar e também a realizar outras atividades prazerosas. Na escola inclusiva tais ações são possíveis por meio da interação entre os diferentes sujeitos que se encontram nela, no caso do surdo marabaense, isso seria possível por meio da abordagem bilíngue, que possibilitaria a esses sujeitos o acesso e a permanência no sistema de ensino.

Nos ditos dos entrevistados são evidentes as dificuldades enfrentadas por eles no processo de escolarização, principalmente a comunicação e interação com os demais indivíduos que compunham o ambiente escolar, no entanto diante deste cenário adverso emergiram agentes que surtiram um efeito motivacional nos sujeitos em questão, tais agentes de caráter externo ou não, mantiveram-nos em suas trajetórias, suprimindo o descaso expressando pelas metodologias e ponderando valores em virtude de um amadurecimento intelectual e acadêmico.

Segundo os entrevistados, para se manter no processo de ensino aprendido, tomou-se como dinâmica o uso de sua força de vontade, articulou-se de modo a perseverar buscando novos ambientes ainda que adversos, os quais exigiram o máximo da sua capacidade de adaptação e vontade de galgar novos horizontes, prospectando um futuro o que lhes traria bem estar e realização pessoal.

De acordo com os alunos surdos pesquisados, várias foram as dificuldades encaradas ao longo de sua trajetória educacional e acadêmica, a comunicação sem sombra de dúvidas representou a maior delas, além do descaso com as limitações dos mesmos e os estereótipos no

que diz respeito à permanência nestes ambientes, o desinteresse dos ouvintes que integram o sistema de ensino em manter uma comunicação incidi como uma barreira que além de excluir diminui o aluno surdo, dentro deste contexto visualiza-se a inda a relação com o material didático que não atende a parâmetros que possam informar de forma satisfatoriamente clara, exigindo um demasiado esforço por parte do aluno surdo, tudo isso representou obstáculos transpostos no limiar da trajetória educacional de cada aluno surdo pesquisado.

Este estudo objetiva obter através do loco dos alunos surdos do município de Marabá uma análise com relação à trajetória educacional e ao contexto de suas vivências em detrimento das práticas metodológicas das instituições de ensino direcionados aos mesmos em caráter inclusivo ou não.

Percebe-se que em virtude da escassez de interpretes e várias áreas de estudos acadêmicos visualiza-se uma restrição ao curso de pedagogia, inibindo os alunos surdos marabaenses de galgarem outras áreas, outra contradição é o fato de que as interpretes acabam exercendo atividades que extrapolam as suas atribuições. Uma questão muito enfática é a construção de vínculos afetivos entre os alunos surdos e suas intérpretes, todas estas situações interferem diretamente em suas tomadas de decisões, todas estas análises são percebidas nas entrevistas anexadas no presente estudo.

Para que realmente haja a inclusão desses sujeitos, acredita-se fazer necessário à escola conhecer quais são os objetivos específicos do processo inclusivo, ao propiciar a garantia de interações significativas entre os alunos surdos e ouvintes, rompendo barreiras atitudinais ao viabilizar o acesso e permanência nos centros educacionais. As políticas públicas precisam ser implementadas e/ou ressignificadas, tendo em vista a efetivação de mudanças estruturais e culturais, de forma a responderem às diferentes situações que levam à exclusão educacional. Muitos são os aspectos que devem ser levados em conta, para se garantir, de fato, a concretização da inclusão, entre eles, o respeito à diversidade, adaptação curricular, novas propostas pedagógicas para se trabalhar com os alunos surdos. Ao almejar um ambiente escolar verdadeiramente solidário, democrático e inclusivo deve-se primeiramente mudar as concepções diante do processo inclusivo.

Com este estudo se alcança o objetivo de vivenciar de modo mais íntimo a realidade dos alunos surdos marabaenses em suas trajetórias estudantis, seus desafios, frustrações, vitórias, de forma breve expuseram o quão discriminados são, até mesmo pelo sistema que tem como dever ampara-los, colocaram a indignação pelas práticas que ferem seus direitos, em poucos

gestos disseram que vão continuar conquistando seu espaço com o apoio de todas as pessoas que se fazem presentes em suas vidas e que levantam suas bandeiras, solidarizam com sua luta e se dispuseram a estar ao seu lado, auxiliaram em suas demandas, interpretaram para facilitar a compreensão e interação, direcionaram nos momentos escusos, abriram caminhos e coibiram qualquer ação discriminatória.

Expressaram a importância da família em suas vidas, o seu apoio, motivação e tudo quanto tenham feito em prol do sucesso que alcançaram à custa de muito empenho, dedicação, força de vontade e perseverança, evidenciaram seu notório sucesso estudantil, alcançando o tão sonhado nível superior ainda que em instituições privadas, ao demonstrar que são tão capazes quanto qualquer ouvinte. Acredita-se que tenha sido contemplado o estudo proposto dentro de suas perspectivas, expectativas e especificidades, diante disso deixa-se em aberto aos interessados na temática, o desafio para darem prosseguimento a futuros estudos direcionado a temática proposta no presente trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, H.P. Inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior: primeiras aproximações. In: MIRANDA, T. M.; GALVÃO FILHO, T. (ORGS.) *O professor e a educação inclusiva: Formação, Práticas e Lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 367-381.

DECLARAÇÃO de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acessado em 04/05/2015.

DIAS, V. L. L. *Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental*. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos. discursivas na educação de surdos. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 18/19, p. 87-92, 2003.

DOTA, F. P.; ALVES, D. M. Educação Especial no Brasil: Uma Análise Histórica. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. Ano V, n. 8, mai 2007.

FERREIRA, S. L. Ingresso, Permanência e Competência: Uma realidade possível para universitários com necessidades educacionais especiais. *Revista Bras.. Ed. Esp.*, Marília, Janeiro- Abril. 2007, vol. 13, n.1, p.43-60.

JANNUZZI, G. S. M. A. *Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 243.

LACERDA, C. B. F. A inclusão Escolar de Alunos Surdos : o que dizem alunos, professores e interpretes sobre esta experiência. *Cad. Cedes*, Campinas, Maio/Agosto. 2006, vol. 26, n.69, p. 163 – 184. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 01 jun. 2015.

LACERDA, C. B. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação/FaE/PPGE/UFPel/Pelotas*[36]: Maio/Agosto 2010 p.133 -153.

LACERDA, C. B. F. de. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. *Revista Espaço*, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.

MAZZOTTA, Marcos J.S. *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.11-231.

MENDES, E. G., Breve histórico da educação especial no Brasil, *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, vol. 22 núm. 57, maio-agosto, 2010, p. 93- 109.

MESERLIAN, K. T., VITALIANO, C. R. Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. PUCPR, 2009.

PEREIRA, M. R. *Expectativas docentes e estratégias de ensino: efeitos sobre aprendizagem dos alunos em situação de deficiência*. Dissertação (Graduação em Educação), Faculdade de educação, Universidade Federal do Pará, Marabá, PA, 2009.

SÁ, N. R. L. de. Convite a uma revisão da pedagogia para as minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos. SÁ, N. R. L de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma Jornada pelo Mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, J. B. Inclusão e preconceito na universidade: Possibilidades e limites para estudantes com deficiência. In: MIRANDA, T. M.; GALVÃO FILHO, T. (ORGS.) *O professor e a educação inclusiva: Formação, Práticas e Lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 385-401.

SCHLÜNZEN, E. T. M., BENEDETTO, L. S.I., SANTOS, D. A. N. *História das pessoas surdas: da exclusão à política educacional brasileira atual*. Unesp. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf>. Acessado em 11/05/2015.

SILVA, F.M.C. O processo Educacional de Surdos na Cidade de Marabá. In: ANJOS, H. P. (org.) JORNADA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO. *Anais* v.1, n. 2, Marabá, 2012.

SILVA, R. R. *A educação do surdo: minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de Ensino de Campinas*. 2003. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

SOARES, M. A. L. *A educação do surdo no Brasil*. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999.

ANEXO 01

Normas para transcrições de textos orais
Fonte: PRETI, 1999 (adaptado por ANJOS, 2006).

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...(…) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	fomos/eles foram...
Entonação enfática	MAIÚSCULA	porque você vai ter que entenDER
Prolongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar para ::: ou mais	fale::i...falei...
Silabação	-	e questão de res-pon-sa-bi-li-da-de
Interrogação	?	e assim... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos...ou três razões...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	no estado ((nas escolas estaduais))... em Marabá
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	Essa situação- - foi o caso que te contei- -é muito difícil...
Superposição; simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas	e pra não ferir a outra pessoa... [e não...não ferir alguém...
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	quanto mais tempo de... (...) porque lá ninguém me conhece...
Citações literais ou leitura de textos, durante as gravações	“mm”	já chegaram até pra mim a dizer “olha... pelo amor de Deus”...

Observações:

Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas.

Fáticos: ah, éh, oh, ahn, ehun, uhn, tá? (não do verbo estar, mas como finalização da frase)

Números: por extenso.

Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).

Não se anota o cadenciamento da frase.

Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).

Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

ENTREVISTA NÚMERO 01

- 1 **ENTR.:** qual o seu nome?... e sua idade?
- 2 **H/I.:** hélio ... idade 32 anos
- 3 **ENTR.:** como se deu sua deficiência?
- 4 **H/I.:** com meningite... na infância
- 5 **ENTR.:** com quantos anos você iniciou os estudos?... onde estudou?
- 6 **H/I.:** cinco anos... em jacundá
- 7 **ENTR.:** você fez educação infantil?
- 8 **H/I.:** sim!
- 9 **ENTR.:** teve incentivo? quem incentivou você a prosseguir na vida escolar?
- 10 **H/I.:** a vovó que levava ele pra escola...também o irmão...duas pessoas que ajudou muito
- 11 incentivou ele... foi a vovó... e o irmão.
- 12 **ENTR.:** a religião teve ou não alguma influência em sua vida estudantil?
- 13 **H/I.:** não... por que:: ele ia pra igre::ja... ele ia pra lá:::... só:: se benzia e saia... não tinha
- 14 participação... e não entendia na:::da... depois com o tempo... numa idade mais adulta é que ele
- 15 veio aprender o que era uma religião.
- 16 **ENTR.:** como você descreve o seu processo educativo nas series iniciais?
- 17 **H/I.:** na terceira série ele passa:::va... e::: o professor ficava só fala:::ndo ele não entendia
- 18 na:::da... só copia:::va dos colegas... não conhecia na:::da... então as séries iniciais dele foi todo
- 19 o tempo ele colando dos colegas... aprender a LER! não aprendeu a le:::r... ele sempre copiava
- 20 e fazia as atividades através dos colegas.
- 21 **ENTR.:** quais foram suas motivações para prosseguir?
- 22 **H/I.:** ((já abordado))
- 23 **INTR.:** como você descreve sua relação com os professores e colegas de classe?
- 24 **H/I.:** era diferente... não tinha amigo professor... era muito lega:::l... ele só diziam legal bom
- 25 dia... não sabia o que era bom dia... e só dizia que estava legal... entrava na escola... escrevi:::a
- 26 só dizia que estava legal pra todo mundo... por que ninguém entendia o que ele falava... e ia pra
- 27 casa... então ele ia pra escola e vinha mas sem entendimento(+) (...) e dos colegas de classe...
- 28 como era? bom? Ruim?... muito ruim... muito ruim... professor amigo também... tinha alunos
- 29 bacanas... mas tinham outros muito ruins... professor também muito ma:::us dava aula e iam
- 30 embora.
- 31 **ENTR.:** como você descreve sua transição do fundamental I para o fundamental II?
- 32 **H/I.:** da terceira sé:::rie... ele foi pra curionó:::polis...- -vai contar uma história- -pra casa da
- 33 tia... foi pra lá... levou ele pra lá:::... surdo em curionópolis falava a linguagem de sinais... o
- 34 professor ensinava o alfabeto A... B... C... pouquinho e ele foi aprendendo divagar... Pato...
- 35 jacaRÉ... ai ele foi aprendendo alguns sinais... ok muitos deles... muito inteligente... e eu não
- 36 sabia quase nada... muito pouquinho ele ensinava eu aprendia... tia também... explicava e ele
- 37 foi entendendo devagar(+) em 1998 ele foi pro rio de janeiro... esperou lá::: pra estudar não
- 38 tinha nada... ficava esperando não tinha na:::da não fazia NAzinha lá... lá era muito viole:::nto
- 39 e a mãe dele achou por bem tirar ele... e vir pra cá:::... com o irmão(+) lá na folha 6... procurando
- 40 uma escola pra surdo(+) na sala de recursos... não conhecia... ai a mamãe veio até a escola de-
- 41 -onde está a professora iara- -ele ficava só olhando pra mim... conversan:::do... eu perguntando
- 42 se era surdo... e eu fazendo a matrícula dele na escola... ok(+) depois... ele não tinha vontade
- 43 de vir pra cá:: de jeito nenhum:::... nem da professora na:::da nem de sala também... e a mamãe
- 44 dele explica:::va pra e::le que tinha que vir::: estudar... era muito imporTAN:::te e segundo o
- 45 pai dele também... mas era muito LON:::ge do km 6 pra cá:::... mu:::ito longe... soFRIA
- 46 demais... ele vinha a pé... a pé... ele entrou na sala e ficou... MUItos surdos... tinha a sôn:::ia...
- 47 o paUlo... marc:::os eram VÁrios surdos... o ale:::x ai eu comecei a ensinar(+) o alfabeto... só

48 que de uma maneira diferente... por que eu trabalhava oralísimo na época... ai eu comecei a
 49 ajudar ele... apresenTEI pra diretora to::do mundo... TOdo dia ele levava atividade pra casa...
 50 ele não queria saber de atividade... há mãe eu NÃO quero ficar alí... é muito LONge a escola J-
 51 -e a vovó- -nã::o... dizendo que ele tinha que Estudar::: que tinha que ficar lá::... muito bom...
 52 preCIsa estudar::: ai ele ficava pensando... tá bom vovó estou indo...(...) e ele estudando...
 53 estudan::do e ele foi aprenden:::do DESenvolvENDO...- -tipo assim como se estivesse
 54 alimentando ele com a educação- -(+) HÁ o primeiro curso... ai nós fomo... começamos a
 55 fazer... os cur::sos, ai ensina::mos ele como é que ele devia ministrar::: um curso aí ele
 56 começou... a ensinar... e sempre eu- -iara- -junto dele(+)- aí ele começou a receber um sala::rio
 57 já... e foi muito importan:::te pra ele... aquele salário NÉ(+)- e aí ele foi sonhan::do com uma
 58 vida BOA... foi sonhan::do... ele foi gostando... né(+)- aí ele vinha da escola... ele não queria
 59 saber se era lon::ge... ele não queRIA saber... ele queria saber... que ele queria VIR estudar...
 60 eu era um:::ito duro...- -eu era CHA::to... era uma pessoa que queria que eles aprende:::ssem- -
 61 e ficou... desenvolvendo os estu::dos de::le aprimorando a primeira série e foi pra segunda(+)
 62 na idade de 17 anos... ele estava na tercei::ra série... ele NÃO tinha vergonha não TÁ... e ele foi
 63 estudan::do e desenvolvendo tá... foi pro sex::to... sétimo... em 1999 e assim foi passando(+)- a
 64 ana “regia” foi professora dele... que era a VICE-diretora da escola... ensinou ele(+)- ela uma
 65 professora mui::to boa... tinha uma falha de comunicação MUIto grande... por causa dos
 66 professores na sala comum... mas ai tinha a sala regular... que era a professora iara que ensinava
 67 a disciplina... que não tinha na época...- -era eu mesmo, iara- -que ensinava a frase tudo que eu
 68 podia ensinar pra eles eu ensinava(+)- eu ficava muito feliz(+)- a família feliz por que ficava
 69 sabendo que ele estava desenvolvendo e aprendendo né... ele começou a aprender mui...to a
 70 língua portuguesa... aí ele começou... aí ele foi também... participou do desfile de sente de
 71 setem::bro... achou muito importan:::te... amostrou que a comunidade surda existia...
 72 apresentava o pai nosso em qualquer evento na cidade... e ele foi gostando daquilo(+)- e sempre
 73 estudando... foi pro nono ano...(+) aí ele teve que ir pra belém... fazer o primeiro ano em
 74 Belém... MUI::to difícil a disciplina... o pessoal do recurso... não::: tá nem aí lá... pra surdo...
 75 ele ficava mui::to preocupado... mas ele tinha muita paciência... a vovó alugou uma casa pra
 76 ele... ajudava ele... o irmão também... ai depois começou a conhecer os surdo lá::: e fez o
 77 segundo ano... fez o terceiro... quando o terceiro ano acabou... ele veio embora pra jacundá né...
 78 ficava fazendo na::da... ele ficava olhan::do meu deus... não tem na::da pra fazer aqui... o quê
 79 que eu vou fazer? muito difícil... AÍ o que que eu vou fazer?... procurar DE NOVO a professora
 80 Iara... e sempre ela me tratando mui::to bem, e o esposo de::la e as Filhas de::la também(+)- aí
 81 POSSo conversar com você?... quero fazer uma faculdade... e aí... como é que eu faço?... aí
 82 falou::: lá...(+) vai ficar em ca::sa pra você fazer a pedagogia... aí eu falei pra ele(+)- dormi em
 83 casa eu ajudei ele me ajudava... em tudo no supermercado(0,5)- ai depois conheceu a professora
 84 joyce...- -a PROFEssora joyce é uma professora que trabalha com a gente na sala de recursos
 85 aqui- -aí explicou pra joyce pra acompanhar ele lá na faculdade metropolitana e foram os dois
 86 jun::tos... com a adriana que era a coordenadora de lá::: na época... e queria fazer uma
 87 pedagogia... e diziam que não podia fazer... aí a joyce foi... e conversou com a professora iara...
 88 não PODE?... pode sim(+)- aí depois nós fomos procurar a LEI... que ampara ele em relação a
 89 fazer a faculdade... que ele tinha o mesmo direito que qualquer uma outra pessoa... aí levou pra
 90 lá... ai foi que liberaram pra ele ir estudar... aí foi Hélio... paulo e lucas e eu- -iara- -como
 91 interprete na sala e a joyce também ficou esses anos to::dos ajudando ele... jun::to com a
 92 professora iara... ficou TRÊS a::nos né... depois ele fez o concurso público... passou no
 93 concurso público... e ficou esperando a chamada... né... em 2013... né... fez e foi na semad né e
 94 estava lá já a chamada, precisava fazer todo tipo de exa::me pra depois entrar pra prefeitura...
 95 fez todos os exames vista... cor::po tudo... com um preço menor foi em belém pra fazer... por
 96 que aqui era muito caro... trouxe levou pra semad... aí depois chamaram ele na semed pra fazer
 97 curso também em outro município... depois ele começou a trabalhar na sala de recursos(+)- aí

- 98 na lotação ele NÃO podia ficar na sala de recursos... ele tinha que ficar na semed... aí ele ficou
 99 nos do::is tanto na sala de recur::sos como na semed.
- 100 **ENTR.:** como você descreve o seu ensino médio? e a relação com o seus professores, colegas
 101 de classe e ambiente escolar?
- 102 **H/I.:** os professores muito bom... MARcos... FÁbio muito bom... ensinavam legal... os amigos
 103 também... mu::itos surdos juntos trabalhando na mesma sala muito legal... ele gostou do ensino
 104 médio...
- 105 **ENTR.:** você fez cursinho pré-vestibular? ou teve outros auxílios?
- 106 **H/I.:** ele não fez nenhum curso pra fazer vestibular(+) como a metropolitana é particular ele
 107 fez uma prova seletiva(+)
- 108 **ENTR.:** como foi o vestibular? quais dificuldades teve? como elas foram solucionadas? com
 109 ajuda de quem? quais recursos usou?
- 110 **H/I.:** ele nunca fez... por que toda vez que ele ia pra faculdade... que queria fazer... tinha o
 111 impasse da comunicação... e também a redação... como eles NÃO tem os conectivos e
 112 preposições... não tem ligação... não tem nenhum elemento de coesão... nem coerência(+) como
 113 é que uma pessoa ia Avaliar a redação dele?... ia dizer que estava errado... por que ele não tem
 114 coesão... não tem coerência... preposição... ligação... arTIgo... não tem NA::da... aí no caso...
 115 como é que eu vou paSSAR? se a minha redação é diferente... então ele tinha receio de lá...
 116 então melhor... foi pagar uma faculdade particular(+)
- 117 **ENTR.:** houve dificuldades ou não, no decorrer da sua vida acadêmica?
- 118 **H/I.:** ele recebeu um benefício... ele guardava o benefício... ele PAgava a faculdade... deus sabe
 119 o quanto ele fez com sacrifício a faculdade... ele ficava pensando... e sonhando com um futuro...
 120 que ele ia ser um pedagogo... e depois ele ia ter o retorno... estudava mui::to... ele gostava de
 121 estudar mui::to... estudava direto... aprendia frases... ele aprendeu MUIta coisa nova... a
 122 professora... que era da nossa sa::la... ela era ótima é ela gostava dele... tudo que ele foi fazendo
 123 lá... estágio ele gostava(+) ele continuou na faculdade... difícil era está certinho com o
 124 pagamento por que... por que tinha momento que o benefício dele... eles tiravam... por que ele
 125 TINha que comprovar que ele tin::ha essa deficiência... portanto naque::le mês ele não pagava...
 126 aí depois ele ia novamente em jacundá... e aí ele organizava a vida dele novamente e pagava
 127 tudo direitinho(+) também o tcc... um::to difícil muita pesquisa... o estágio também... muito
 128 difícil... mas ele tentava organizar TUdo da melhor maneira possível... para a professora... ela
 129 sempre... ela lhe dava uma resposta... as que vezes que não estava... e era negativa... ele fazia
 130 novamente... junto com a professora Joyce... ajudando ele todo no que fazia- -ainda não tá
 131 perfeito... ainda não está bom- -... quando dava a terceira vez... está bom... graças a deus... era
 132 uma aliVIO pra mim muito grande... tcc ele falou sobre AEE- -atendimento educacional
 133 especializado- -... então era o que ele queria... ele explicou tudo... um alívio também pra ele
 134 patrício... lucas também todo mundo aliviado... os professores...
- 135 **ENTR.:** descreva sua participação nas atividades do ensino superior, na cantina, biblioteca,
 136 laboratório de informática, encontros, congressos e relação com os colegas(+)
- 137 **H/I.:** ele participava da cantina da faculda::de... quando a professora dava intervalo tudo ok lá...
 138 quando ele ia pra bibliote::ca ele chegava lá... ele fazia pesqui::sa também... no computador::...
 139 não tinha problema nenhum... há... também que eles ajudavam muito lá as pessoas que
 140 trabalham na cantina o acesso dele era fácil... também aos estagiários que faziam estágio...
 141 também a professora quando passavam trabalho... né... que tinha que fazer leitura...
 142 explicação... tu::do ok... não teve muita dificuldade não... congresso ele participa::va...
 143 seminário ele participa::va na escola(+)
- 144 **ENTR.:** cite os principais agentes motivadores no ensino superior.
- 145 **H/I.:** o hélio... alias TOdos eles... o impasse MAior::... era pagamento... entendeu? mas de
 146 vontade... vontade de eles seguirem... e fazer a pedagogia... nun::ca ele falou- -não eu não quero
 147 não- -já? já aconteceu? há eu não quero não pedagogia não... só o paulo... sabe... só um que no

- 148 momento que ele queria... por que ele não tinha dinheiro que incentivava o colega a terminar a
149 pedagogia... o lucas e o hélio pegaram o paulo pra conversar e falavam com ele- -rapaz tu tem
150 que terminar... nós temos que terminar... somos os primeiro surdos de marabá que tem que
151 mostrar que nos terminamos o ensino superior- -o impasse maior foi pagamento(+)
- 152 **ENTR.:** como você avalia as práticas dos professores no ensino superior?
- 153 **H/I.:** á professora... Ótima... tanto ela ensinava pra todos... como ela ensinava pra mim... ela
154 sempre me tratava como uma pessoa normal... tinha uma postura ex-ce-len-te... outros
155 professores da faculdade eram ruins... e não gostava... mas ela era ótima... o nome dela era léo...
156 ela já saiu da faculdade(+)
- 157 **ENTR.:** se houve? quais métodos foram utilizados pelo corpo docente para motivar e facilitar
158 a sua permanência no ensino superior?
- 159 **H/I.:** o método por exemplo... ele apresentou um trabalho sobre a dengue... de que maneira que
160 ele ia apresentar isso... aí ele ficou pensando... ele tinha que usar slide... ele tinha que usar
161 mui::ta gravura... ele tinha que usar tudo que está acontecendo durante esse assunto(+)
- 162 **ENTR.:** qual foi o papel da família durante o processo educacional no ensino superior?
- 163 **H/I.:** a família não ajudou ele em nada... a matrícula dele a inscrição dele foi particular... ELE
164 fez aí estudou... a vovó dele quando ele falava... ela não entendi... aí ele ia e vinha final de
165 semana... ela ficava preocupada...- -por que tu vai toda vez e vem?- -estudando todo o tempo...
166 aí ele falou pra ela que estava fazendo pedagogia... ficaram todos felizes... ai a mãe... a vovó a
167 família toda... ai fez... ele recebeu a formação dele... o irmão veio junto... ficaram todos feli::zes
168 amigos... só a vovó dele que aconselhava ele... mamãe estava viajando em boa vista... ficava
169 muito difícil encontrar ela e o irmão trabalhando muito... e a vovó que aconselhava ele... ela
170 ficava preocupada com ele... pra ele prosseguir o estudo... outra foi a professora iara... que me
171 aconselhava mu::ito nessa vida escolar... continuando sempre estudando e trabalhando...
172 depois que ele se formou... todos ficaram felizes(+)
- 173 **ENTR.:** você sofreu algum preconceito dos seus colegas?
- 174 **H/I.:** nã::o nunca... violência nem preconceito... sempre conversou com todos(+) só inveja...
175 ele sentia que as pessoas tinham inveja... mas preconceito não... violência também não(+)
- 176 **ENTR.:** quais agentes atuaram de forma negativa no decorrer das suas práticas acadêmicas?
177 respondido anteriormente.
- 178 **ENTR.:** quais as dificuldades encontradas no processo educacional?
179 respondido anteriormente.
- 180 **ENTR.:** de que formas essas dificuldades impactaram em sua vida acadêmica?
181 respondido anteriormente.
- 182 **ENTR.:** você teve algum apoio para superar essas dificuldades?
respondido anteriormente.

ENTREVISTA NÚMERO 02

- 1 **ENTR.:** qual o seu nome? e sua idade?
- 2 **M/I.:** marta ... idade 25 anos
- 3 **ENTR.:** como se deu sua deficiência?
- 4 **M/I.:** sim ela é surda... ela nasceu ouvinte e depois com o passar do tempo... com mais ou
5 menos oito meses ela ficou doente... com diarreia... com dor de barriga... e aí ela foi pro
6 hospital... pro médico... e ele disse que é simples normal(+) no outro dia ela voltou lá
7 novamente... voltou pra casa... passou um tempo no hospital... voltou a comer frutas foi
8 passando o tempo... foi ficando melhor... outros tempos mais ou menos... então ela começou
9 a adoecer novamente e foi pro hospital(+) aí começou... não ficou muito bem... ficou na cama...
10 tomava remédio... febre altíssima... muita febre... deram uma injeção pra ela: e depois dessa
11 injeção que ela ficou surda(+) aí foi perguntar- como que ela ficou surda?- a mãe ficou
12 preocupada... aí voltou pra casa aí ficaram pensando como... -vai usar aparelho?- aqui em
13 marabá não tem... ela viajou pra teresina... lá que ela fez o exame de audiometria... dois
14 tipos de exame... e um lado ouvia mais ou menos e o outro pouquíssimo... e o médico prescreveu
15 algumas coisas mas sem aparelho... e com oito meses não ia dá pra ela usar aparelho... depois
16 com cinco anos que ela voltou em teresina pra colocar o aparelho... com cinco anos... deu
17 pra ela o aparelho... pagou e começou a estudar... com os dois aparelhos... aí.. ela achou
18 normal(+)- (Se eu não me engano a injeção que ela tomou era gamicina pois me parece que
19 ela estava com rubéola... uma infecção que ela não sabe dizer)
- 20 **ENTR.:** com quantos anos você iniciou os estudos? onde estudou?
- 21 **M/I.:** oito ou nove anos(+) na escola pequeno príncipe(+)
- 22 **ENTR.:** você fez educação infantil?
- 23 **M/I.:** não fez educação infantil(+)
- 24 **ENTR.:** teve incentivo? quem incentivou você a prosseguir na vida escolar?
- 25 **M/I.:** ela sempre gostou de estudar... então a ajuda que ela teve foi da mãe... uma
26 professora... que foi a base da vida dela que se chama iara... que ajudou muito no
27 desenvolvimento dela... junto com um grupo de surdo... que ela acompanhava... e hoje esse
28 incentivo... esse desenvolvimento que ela tem... porque ela foi uma professora... que sempre
29 estava junto... ela ajudava mesmo... que é a professora iara(+)
- 30 **ENTR.:** a religião teve ou não alguma influência em sua vida estudantil?
- 31 **M/I.:** sim... ela é evangélica... e lá dentro da igreja... tem uma pessoa... -que é a caçula- -que
32 é uma mulher... lá da igreja que aprendeu libras pra estar mostrando pra ela tudo de jesus... e
33 lá o incentivo que ela tem... na religião... foi essa pessoa(+)
- 34 **ENTR.:** como você descreve o seu processo educativo nas séries iniciais?
- 35 **M/I.:** foi muito difícil o começo... hoje ela gosta de estudar... gosta muito... mas antes era
36 muito difícil... era complicada pra ela... por que eles ensinavam SÓ o português... a libras
37 não era ensinada para o surdo... então os professores antes queriam que aprendessem o
38 português... só português... tanto é que reprovavam em português... -hoje ainda existe isso- -...
39 e pra ela era muito difícil... muito... muito... muito difícil.
- 40 **ENTR.:** quais foram suas motivações para prosseguir?
- 41 **M/I.:** primeiro... ela diz que ela precisa ter paciência... pra entender a língua portuguesa... e a
42 libras é o que ela sabe... e ela fica fazendo comparações... e vê o que ela entende e o que ela
43 não entende... é difícil mas ela vem prosseguindo por ela... a vontade de desenvolver...
44 vontade de no futuro... ficar BEM... ser uma professora... por que ela quer prosseguir na
45 pedagogia dela(+)
- 46 **ENTR.:** como você descreve sua relação com os professores e colegas de classe?
- 47 **M/I.:** ela tinha uma boa relação com os professores.. e com os alunos... ela fazia troca de
48 conhecimento... porém os professores não tinham um certo domínio de libras... e ficava difícil

- 49 ficar explicando pra ela... só que os alunos aprendiam... muito mais rápido e ficavam trocando
50 conhecimento(+)
- 51 **ENTR.:** como você descreve sua transição do fundamental I para o fundamental II?
- 52 **M/I.:** era muito difícil... ela sempre ficava em recuperação... ou então ela ia pra sala de recursos
53 que já existia na época... levava disciplinas pra sala de recursos e lá que ela aprendia... dentro
54 da sala comum era muito difícil... então o apoio que ela tinha... era lá na sala de recursos só... a
55 professora sentava com ela pra explicar a disciplina... qualquer uma... -e a professora tinha que
56 se virar nos 30- -por que é muita coisa pra uma professora só e eles precisam entender(+)
- 57 **ENTR.:** como você descreve o seu ensino médio? e a relação com o seus professores... colegas
58 de classe e ambiente escolar?
- 59 **M/I.:** conforme o desenvolvimento dela... ela foi conhecendo outras pessoas e assim também
60 no ensino médio... teve pessoas professores também... e alunos que faziam essa troca de
61 conhecimento... mesmo que fosse com português mas com o apoio da sala de recursos... aonde
62 ela ia realmente aprender algo era na sala de recursos... a outra sala ela ficava observando...
63 escrevia para poder levar para a sala de recursos(+)
- 64 **ENTR.:** você fez cursinho pré-vestibular? ou teve outros auxílios?
- 65 **M/I.:** ela fez na própria ufpa... era a franceia a professora que servia de apoio(+) e tem um
66 segredo... que ela gostaria de contar... ela gostaria muito de fazer ufpa... mas é muito difícil...
67 muito difícil... então ela optou pra cá... por que o tempo vai passando... passando e ela tinha que
68 fazer alguma coisa(+)
- 69 **ENTR.:** como foi o vestibular? quais dificuldades teve? como elas foram solucionadas? com
70 ajuda de quem? quais recursos usou?
- 71 **M/I.:** foi muito difícil... por que certas disciplinas que ela aprendia lá no pré-vestibular era
72 muito rápido... pouco tempo... ficava trocando informação... e ficava perguntando... e as vezes
73 não tinha todas essas informações que ela queria... e a intérprete que tinha lá era na hora da
74 própria prova... muito difícil(+)
- 75 **ENTR.:** redação?
- 76 **M/I.:** muito difícil... por que é redação... português... ela precisava estar fazendo... muitas vezes
77 ela nem entende a pergunta... pra ela era tudo esquisito o enem ela nunca fez... tudo é difícil...
78 o enem é difícil... ela fez uma vez só(+)
- 79 **ENTR.:** ufpa?
- 80 **M/I.:** ela fez umas cinco vezes... de cinco pra lá(+)
- 81 **ENTR.:** houve dificuldades ou não... no decorrer da sua vida acadêmica?
- 82 **M/I.:** ela acha muito bom aqui por que se for só a professora é uma confusão... não vai dar
83 muito apoio por que tem muitos alunos dentro da sala... não conhecem libras... as vezes ela fica
84 até meio triste por que ela chega pra está conversando com a professora... e a gente olha pra ela
85 e- -será que ela fica com medo por que está conversando... não sei... não sabemos ainda- -(+)
86 não entende muito mas ela fica muito assim separada- - (intérprete)eu acabo sendo a professora-
87 -(+)
- 88 **ENTR.:** descreva sua participação nas atividades do ensino superior... na cantina... biblioteca...
89 laboratório de informática... encontros... congressos e relação com os colegas(+)
- 90 **M/I.:** aqui na metropolitana... ela vai pro lanche... só que é assim... a conversa acaba se
91 fechando comigo... as vezes um amigo... um ou outro pra estar conversando... são poucos que
92 ficam junto com ela... até pra ter essa interação- -(intérprete) eu chamei a turma pra dizer que
93 eu estaria chegando as dezoito horas pra ministrar um curso de libras- -mas não surtiu muito
94 efeito... nos percebemos as pessoas um pouco distante dela... e todos sempre quando eu posso
95 dentro da sala eu explico- -(intérprete) olha o curso vai acabar a marta vai embora e vocês nunca
96 vão aprender libras- -não sei... preocupado com a vida... preocupado com outras coisas mas
97 aprender a libras nada(+)
- 98 e isso entristece ela... porque é separado- -gestual- -... as vezes ela até
fala alguma coisa ela que dar a opinião... tem que fazer as pessoas ficarem em silêncio... por

- 99 que se não(+) ela tem que estar passando pra mim- -(intérprete) está interpretado pra eles- -é
 100 muito difícil essa questão de interagir com a sala... são poucos que se aproximam dela... ela já
 101 tem um grupo que ela já começou com eles e tudo indica que vai acabar o curso e vai terminas
 102 com eles que é o grupo que sabe um pouco libras e conversa um pouco com ela... que é uns
 103 cinco ou seis(+)
- 104 **ENTR.:** cantina
- 105 **M/I.:** ela vai(+)
- 106 **ENTR.:** biblioteca
- 107 **M/I.:** ela vai pesquisa muito
- 108 **ENTR.:** na sala de informática
- 109 **M/I.:** ela vai também pesquisa muito... por que ela tem o conhecimento de informática, ela
 110 sabe.
- 111 **ENTR.:** encontros
- 112 **M/I.:** os encontros que tem... semana acadêmica ela faz apresentação e nós fazemos questão
 113 que seja tudo em libras... pra mexer com o povo... na hora todo mundo quer aprender... na hora
 114 do aprender somem
- 115 **ENTR.:** congresso
- 116 **M/I.:** aqui não... mesmo por que em marabá não tem e essa relação com os colegas de classe é
 117 pouca
- 118 **ENTR.:** cite os principais agentes motivadores no ensino superior
- 119 **M/I.:** pra ela gostar de estar estudando aqui... é por que ela quer desenvolver como ser humano...
 120 mas estar junto com as pessoas... são poucos... é ela com ela mesmo... eu quero... eu gosto e no
 121 futuro eu vou ser... pronto(+) isso é determinação dela
- 122 **ENTR.:** como você avalia as práticas dos professores no ensino superior?
- 123 **M/I.:** NO:: caso sou eu ((intérprete)) que ajudo ela... só... eu acabo sendo aqui a professoras...
 124 mesmo por que se eu chamar a professora pra estar explicando pra ela... -a não espera- -eu
 125 ((intérprete)) não quero que ela perca o fio da meada... ainda bem que é da minha área
 126 pedagogia... por que se não(+) ia ser difícil pra mim né
- 127 **ENTR.:** se houve? quais métodos foram utilizados pelo corpo docente para motivar e facilitar
 128 a sua permanência no ensino superior?
- 129 **M/I.:** o método por exemplo... ele apresentou um trabalho sobre a dengue... de que maneira que
 130 ele ia apresentar isso? aí ele ficou pensando... ele tinha que usar slide... ele tinha que usar muita
 131 gravura... ele tinha que usar tudo que está acontecendo durante esse assunto
- 132 **ENTR.:** qual foi o papel da família durante o processo educacional no ensino superior?
- 133 **M/I.:** a família não ajudou ele em nada, a matrícula dele a inscrição dele foi particular ele fez
 134 aí estudou, a vovó dele quando ela falava ela não entendi tá, aí ele ia e vinha final de semana
 135 ela ficava preocupado, por que tu vai toda vez e vem? estudando todo o tempo, aí ele falou pra
 136 ela que estava fazendo pedagogia, ficada tudo feliz ai a mãe, a vovó a família toda, ai fez ele
 137 recebeu a formação dele o irmão veio junto, ficaram tudo feliz amigo, só a vovó dele que
 138 aconselhava ele, mamãe estava viajando em boa vista, ficava muito difícil encontrar ela e o
 139 irmão trabalhando muito e a vovó que aconselhava ele, ela ficava preocupada com ele pra ele
 140 prosseguir o estudo, outra foi a professora iara que me aconselhava muito nessa vida escolar,
 141 continuando sempre estudando e trabalhando, depois que ele se formou todos ficaram felizes.
- 142 **ENTR.:** você sofreu algum preconceito dos seus colegas?
- 143 **M/I.:** preconceito não... pode até ter acontecido fora da minha presença ((intérprete)) mesmo
 144 por que eu vou em cima mesmo... por que tem as leis que precisam ser seguidas
- 145 **ENTR.:** quais agentes atuaram de forma negativa no decorrer das suas práticas acadêmicas?
- 146 **M/I.:** o que tem de negativo é que tem pessoas que querem se aproximar dela e outras não...
 147 então assim... é uma divisão de grupos... são grupos diferentes... características diferentes... a

- 148 vida dela ela gosta de todos os grupos... só que é muito complicado pra ela entender... que tem
149 muitos ouvintes que não reconhecem que o surdo não é doente
- 150 **ENTR.:** quais as dificuldades encontradas no processo educacional?
- 151 **M/I.:** eles passam uns cd's que vem junto com a disciplina... que a professora passa e vai tirando
152 dúvidas... porem nesses cd's na televisão para o ouvinte é bom... mas não tem legenda não tem
153 intérprete... eu ((intérprete)) que preciso estar olhando e interpretando ou então ela tem que ficar
154 fazendo leitura labial por que ela não quer perder nada... aí volta... vai pra casa a mãe ajuda... a
155 família dela é ótima
- 156 **ENTR.:** de que formas essas dificuldades impactaram em sua vida acadêmica?
- 157 **M/I.:** tudo é difícil aqui... palavras novas ela tem que ir atrás... ela corre atrás... ela pesquisa...
158 ela pergunta... vê em libras como é que é... ai ela faz a interpretação(+)
- 159 desenvolvimento pessoal como aluno (+) muito pouco nesse sentido.. por que ela que corre
160 atrás... por que ela pesquisa muito... ela é uma pesquisadora... ela é tão inteligente que eu
161 ((intérprete)) já queria fazer uma pesquisa encima dela... ela busca o conhecimento... ela
162 transforma aquela dificuldade dela em um conhece(+) ela tem suas opiniões formadas... ela
163 sabe o que ela quer ser... as pessoas nunca vão enganar ela em nada... por que ela sabe ela
164 entende
- 165 **ENTR.:** você teve algum apoio para superar essas dificuldades?
- 166 **M/I.:** ela tem muita paciência... muita paciência ela presta atenção em tudo... chega em casa ela
167 fica preocupada... pede pra família ir ajudando... um ajuda o outro nessas horas... professor...
168 vai pra biblioteca a dificuldade dela ela supera dessa forma... pesquisando sempre
- 169 **ENTR.:** todos o ensino foi feito aqui em marabá ou ela teve que sair?
- 170 **M/I.:** não... todo o ensino dela foi feito aqui em marabá... na escola pública
- 171 **ENTR.:** ela passou por algum processo ou prova?
- 172 **M/I.:** teve a prova... mas essa prova foi normal...

ENTREVISTA NÚMERO 03

- 1 **ENTR.:** qual o seu nome? e sua idade?
- 2 **K/I.:** keila ... idade 29 anos
- 3 **ENTR.:** como se deu sua deficiência?
- 4 **K/I.:** foi doença... teve um::ita gripe... a mãe dela um::ito doen::te... e essa é a história que ela
5 tem... ela não sa::be se é verdade ou se é história... foi mãe de::la contou
- 6 **ENTR.:** com quantos anos você iniciou os estudos? onde estudou?
- 7 **K/I.:** quatro anos mais ou menos... ela começou no J
- 8 **ENTR.:** você fez educação infantil?
- 9 **K/I.:** ela ficava separada em um lugar na sala... pela manhã manhã ela ficava junto com os
10 ouvintes... e a tarde em um lugar como se fosse uma sala de recursos
- 11 **ENTR.:** teve incentivo? quem incentivou você a prosseguir na vida escolar?
- 12 **K/I.:** da professora iara... franceia... os professores foram esses... a família também a mãe o
13 pai... mas o incentivo maior também foi a iara a franceia... com este grupo surdo... que acredito
14 que você já tenha ouvido falar... a iara ajudou muito no seu desenvolvimento
- 15 **ENTR.:** a religião teve ou não alguma influência em sua vida estudantil?
- 16 **K/I.:** a religião nada... ela fica lá só olhando o pastor lá na frente só falando... falando e ela até
17 descarta por que ninguém explica nada pra ela é esquisito isso
- 18 **ENTR.:** como você descreve o seu processo educativo nas series iniciais?
- 19 **K/I.:** até a quarta série foi bom... bem mais ou menos foi desenvolvendo... a professora chamava
20 ela até de burra por que ela não entendia algumas coisas que a professora falava... e ela falava
21 obrigada professora... não pode ficar brigando... ela ficava com vergonha e essa vergonha pode
22 ser até um medo... ela ((professora)) brigava muito com ela(+) até a quarta série era bom(+) ela
23 tem essa história mesmo ela dizendo que foi bom... mas a professora ficava dizendo “tu é burra
24 não entende” não tem paciência com o surdo(+)
- 25 **ENTR.:** quais foram suas motivações para prosseguir?
- 26 **K/I.:** a mãe pegava levava para a escola ela ia conversava com o diretor pedia ajuda... mandava
27 trocar de sala... tinha que ter uma paciência pra estar estudando... foi a família em si
- 28 **ENTR.:** como você descreve sua relação com os professores e colegas de classe?
- 29 **K/I.:** era bom mas conversava pouco com os colegas por que eles não sabiam libras... a
30 professora ficava só “ok... tudo bem? Escreve... escreve”... e a pontava pra escrever essas coisas
31 do tipo né(+) por que a libras não tinha... não tinha nem interprete... era muito difícil(+)
- 32 **ENTR.:** como você descreve sua transição do fundamental 1 para o fundamental 2?
- 33 **K/I.:** no quinto ano... quando ela viu aquela troca “meu deus do céu... trocou” e se assustou e
34 aja professor e ia entrava professor e “meu deus do céu... e agora” e sempre trocava... ela não
35 entendia muito o que acontecia... por que não era explicado
- 36 **ENTR.:** como você descreve o seu ensino médio? e a relação com o seus professores... colegas
37 de classe e ambiente escolar?
- 38 **K/I.:** sempre a sala de recursos ela levava o caderno pra sala de recurso... e a professora ia fazer
39 o papel da professora da sala comum... no ensino médio ela estudou no GV... primeiro...
40 segundo e terceiro... estudava a noite... também tinha a sala de recurso... que era a mesma
41 situação... o que ela aprendia era na sala de recursos... na sala comum ela muito difícil muitos
42 alunos
- 43 **ENTR.:** professores
- 44 **K/I.:** era mau... ficava lá brigando... também a mesma situação parecia preconceito que tinha...
45 ela ficava só olhando escrevendo... o professor era mau... olhava lá mostrava pra ela... só não
46 tinha comunicação... nenhuma comunicação
- 47 **ENTR.:** você fez cursinho pré-vestibular? ou teve outros auxílios?

- 48 **K/I.:** ela fez... franceia também que ensinava... foi lá na ufpa(+) quatro vezes ela fez vestibular
 49 todas elas ela perdeu... pagava... pagava e nada de passar... fez o enem três vezes... então
 50 acredito que tenha sido dessa forma uma vez o vestibular mesmo e três enem... dessa forma
 51 **ENTR.:** como foi o vestibular? quais dificuldades teve? como elas foram solucionadas? com
 52 ajuda de quem? quais recursos usou?
- 53 **K/I.:** a redação é horrível... ela não sabia que tinha redação... nem conhecia... -está vendo como
 54 são inteligentes, sozinhos eles vão- ... de concurso também... quase ela passava no concurso...
 55 por pouco ela ficou
- 56 **ENTR.:** houve dificuldades ou não... no decorrer da sua vida acadêmica?
- 57 **K/I.:** é difícil... por que é muito pesado... pesadíssimo é preciso ter paciência... pra estar
 58 aprendendo e estar estudando pra que ela desenvolva às vezes ela fica pensando “será que eu
 59 vou passar? será que ela vai se formar?” ela paga... aqui é particular... todos mês
- 60 **ENTR.:** descreva sua participação nas atividades do ensino superior... na cantina... biblioteca
 61 laboratório de informática... encontros... congressos e relação com os colegas
- 62 **K/I.:** lá na lanchonete ela conversa pouco... poucas pessoas ouvem... parece assim que as
 63 pessoas discriminam... pouca conversa... é aquela questão... as pessoas não conhecem libras(+)
 64 na biblioteca ela vai... vai em grupo ela não vai só... sempre é um grupo que ela cai estudar...
 65 na biblioteca é atuante... na informática... congresso não... ela tem assim... ela é mais
 66 comunicativa... a pessoa não quer conversar com ela... vai lá... “oi tudo bom? boa noite”
 67 mostrando que ela precisa aprender libras... ela briga mesmo
- 68 **ENTR.:** cite os principais agentes motivadores no ensino superior
- 69 **K/I.:** ela está estudando só... na vontade... vai escolhendo o tempo... vai estudando... vai
 70 pensando... ela vai observando... a motivação na verdade sai dela
- 71 **ENTR.:** como você avalia as práticas dos professores no ensino superior?
- 72 **K/I.:** só fala... fala... fala... fala... não olha... se não interprete seria pior ainda... nem olha... aí
 73 vem o dvd... não tem legenda é só o cd lá... tá... e nós já brigamos muito por isso lá... por que
 74 precisa ter um intérprete... ela precisa estar olhando... as vezes só pra mim... as vezes tem uma
 75 imagem... nem percebe
- 76 **ENTR.:** se houve? quais métodos foram utilizados pelo corpo docente para motivar e facilitar
 77 a sua permanência no ensino superior?
- 78 **K/I.:** não tem... não tem responsabilidade... não tem respeito... é assim... eu posso até estar
 79 complementando como eu estou aqui... o professor diz tem a ana que vai está aqui ensinando...
 80 e eles desconhecem qual é o meu papel aqui na instituição... o que eu tenho que fazer aqui...
 81 eles pensam que eu também sou professora... mas não é assim eu estou aqui pra interpretar... e
 82 o professor ensina
- 83 **ENTR.:** qual foi o papel da família durante o processo educacional no ensino superior?
- 84 **K/I.:** a mãe dela tenta ajudar... o irmão dela estuda na ufpa... até ajuda mas ele tem pouca
 85 paciência- -irmão você já sabe né- -...“não tem paciência pra ensinar parece que tem vergonha...
 86 não... não faça isso”... tipo assim parece que tem vergonha dela... é muito trabalho na ufpa
 87 também... acho que ele faz alguma coisa em informática
- 88 **ENTR.:** você sofreu algum preconceito dos seus colegas?
- 89 **K/I.:** ela acredita que aqui((na metropolitana)) ela tenha... por que poucas pessoas conversam
 90 com ela... assim meio que desprezando... não quer conversar... essas coisas do tipo... ela acha
 91 que tem preconceito aqui
- 92 **ENTR.:** quais agentes atuaram de forma negativa no decorrer das suas práticas acadêmicas?
- 93 **K/I.:** ela acha que os alunos aqui ((os colegas)) é muito difícil... se encontram pro ali... não se
 94 comunicam... não tem comunicação... a professora também o mesmo processo... difícil
- 95 **INTR.:** quais as dificuldades encontradas no processo educacional?

- 96 **K/I.:** é tem o dvd... tem o livro... assim é diferente... uns desenhos no livro a professora explica
97 a dificuldade no dvd é que não tem essa legenda... é uma forma negativa pra ela... a professora
98 tem uma metodologia boa para os ouvintes
- 99 **ENTR.:** de que formas essas dificuldades impactaram em sua vida acadêmica?
- 100 **K/I.:** ela não sabe... pergunta pra um não sabe nada... ai ela vai pergunta pra outro... ela espera...
101 pergunta de novo... aí ela tem paciência. ela acha que não aprende nada agora que ela começou
102 a entender ((interprete)) no começo ela não entendia... não aprendia... e aqui tu precisa estar na
103 internet... ela não tem internet... aí fica mais difícil ainda... agora que ela começou a se atualizar
104 nas situações aqui ela vai lá no laboratório... agora que ela esta conhecendo os materiais que
105 tem aqui na instituição... mas continua difícil por que ela não tem internet ela tem que vir pra
106 cá
- 107 **ENTR.:** você teve algum apoio para superar essas dificuldades?
- 108 **K/I.:** aqui na metropolitana... tem internet... as vezes ela vai lá uma ou duas vezes... ela
109 considera o livro bom... por que tem muitas figuras que ela consegue fazer uma ligação com o
110 que ela está lendo lá... e outras ela pergunta pra mim... pra ver se ela entende o contexto
- 111 **ENTR.:** qual o período?
- 112 **K/I.:** quarto período.
- 113 **ENTR.:** ela estudou sempre em marabá?
- 114 **K/I.:** sim ela estudou sempre em marabá.

OS PRINCIPAIS AGENTES E PROCESSOS QUE MOTIVARAM A PERMANÊNCIA NA ESCOLA

	Trechos	Comentário das Pesquisadoras
Marta	<p>ela sem:::pre gostou de estuda... então a ajuda que ela te::ve foi da mãe::... uma professo::ra... que foi a ba:::se da vida dela que se chama iara... que ajudou mui::to no desenvolvimento de::la... junto com um grupo de surdo... que ela acompanhava... e hoje esse incentivo... esse desenvolvimento que ela tem... porque ela foi uma professora... que sempre estava junto... ela ajuda::va mesmo... que é a professora iara(+) (ls. 28, 33)</p> <p>ela é evangélica... e lá dentro da igre::ja... tem uma pessoa...- -que é a caçula- -que é uma mulher... lá da igreja que aprendeu libras pra estar mostran::do pra ela tudo de jesus...(ls. 32, 34).</p> <p>a vonta::de de desenvolver... vonta:::de de no futuro... ficar BEM:::... ser uma professora... por que ela quer prossegui na pedagogia dela(+)(ls. 44, 46).</p> <p>... teve pessoas professores também... e alunos que faziam essa troca de conhecimento... mesmo que fosse com português mas com o apoio da sala de recursos... aonde ela ia realmente aprender algo(ls.62,64).</p> <p>ela quer desenvolver como ser humano... mas estar junto com as pessoas... são poucos... é ela com ela mesmo... eu quero... eu gosto e no futuro eu vou ser... pronto(+) isso é determinação dela(ls. 121, 123)</p> <p>tudo é difícil aqui... palavras novas ela tem que ir atrás... ela corre atrás... ela pesquisa... ela pergunta... vê em libras como é que é... ai ela faz a interpretação(+)</p> <p>desenvolvimento pessoal como aluno (+) muito pouco nesse sentido.. por que ela que corre atrás... por que ela pesquisa muito... ela é uma pesquisadora..(ls. 160, 163).</p> <p>pede pra família ir ajudando... um ajuda o outro nessas horas... professor... vai pra biblioteca a dificuldade dela ela supera dessa forma...(ls.170, 171).</p>	<p>A família é o primeiro agente motivacional.</p> <p>A professora Iara aparece como o segundo agente motivacional.</p> <p>A vontade de desenvolver congenitamente e de superar obstáculos aparece como o terceiro agente.</p> <p>O quarto agente a aparece a interação com outros sujeitos.</p>
Keila	<p>da professora iara... franceia... os professores foram esses... a família também a mãe o pai... mas o incentivo maior também foi a iara a Franceia (ls.13, 14).</p> <p>a mãe pegava levava para a escola ela ia conversava com o diretor pedia ajuda... mandava trocar de sala...(ls. 27, 28).</p> <p>ela está estudando só... na vontade... vai escolhendo o tempo... vai estudando... vai pensando... ela vai observando... a motivação na verdade sai dela(ls. 71,72).</p>	

	a mãe dela tenta ajudar... o irmão dela estuda na ufpa... até ajuda mas ele tem pouca paciência(ls. 86, 87).	
Hélio	<p>a vovó que levava ele pra escola...também o irmão...duas pessoas que ajudou muito incentivou ele... foi a vovó... e o irmão.(ls. 10, 11).</p> <p>e a vovó- -nã::o... dizendo que ele tinha que Estudar::: que tinha que ficar lá:::... muito bom... preCisa estudar:::(ls. 51, 53).</p> <p>Iara... e sempre ela me tratando mui::to bem, e o esposo de:::la e as Filhas de:::la também(+)(ls.82, 83).</p> <p>os professores muito bom... MARcos..... FÁbio muito bom... ensinavam legal... os amigos também... mu::itos surdos juntos trabalhando na mesma sala muito legal... ele gostou do ensino médio...(ls 105, 107).</p> <p>a professora Joyce... ajudando ele todo no que fazia- -(ls.133, 134).</p> <p>tinha uma postura ex-ce-len-te... outros professores da faculdade eram ruins... e não gostava... mas ela era ótima... o nome dela era leiva... ela já saiu(ls. 158, 159).</p>	

AS INICIATIVAS QUE OS ALUNOS PRODUZIRAM PARA SE DESENVOLVER NO MEIO ESCOLAR, EM CADA NÍVEL DE ENSINO.

	Trechos	Comentário das Pesquisadoras
Marta	<p>ela diz que ela precisa ter paciência... pra entender a língua portuguesa... e a libras é o que ela sabe... e ela fica fazendo comparações::... e vê o que ela entende e o que ela não entende... é difícil mas ela vem prosseguin::do por ela... a vonta::de de desenvolver... vonta::de de no futuro... ficar BEM:::....(ls. 42, 45).</p> <p>levava disciplinas pra sala de recursos e lá que ela aprendia...(ls. 54, 55).</p> <p>que preciso estar olhando e interpretando ou então ela tem que ficar fazendo leitura labial por que ela não quer perder nada... aí volta... vai pra casa a mãe ajuda... a família dela é ótima(ls. 156, 158).</p> <p>ela busca o conhecimento... ela transforma aquela dificuldade dela em um conhece(+), ela tem suas opiniões formadas... ela sabe o que ela quer ser...(ls. 164, 166).</p>	<p>A busca pelo conhecimento desenvolveu a paciência, a superação e a perseverança de prosseguir.</p>
Keila	<p>a mãe pegava levava para a escola ela ia conversava com o diretor pedia ajuda... mandava trocar de sala... tinha que ter uma paciência pra estar estudando...(ls. 27, 28).</p> <p>sempre a sala de recursos ela levava o caderno pra sala de recurso... e a professora ia fazer o papel da professora da sala comum...(ls. 39, 40).</p> <p>a pessoa não quer conversar com ela... vai lá... “oi tudo bom? boa noite” mostrando que ela precisa aprender libras... ela briga mesmo(ls. 68, 69).</p> <p>ela está estudando só... na vontade... vai escolhendo o tempo... vai estudando... vai pensando... ela vai observando... a motivação na verdade sai dela(ls. 71, 79).</p> <p>a mãe dela tenta ajudar... o irmão dela estuda na ufpa... até ajuda mas ele tem pouca paciência(ls. 86,87).</p>	
Hélio	<p>a vovó que levava ele pra escola...também o irmão...duas pessoas que ajudou muito incentivou ele... foi a vovó... e o irmão.(ls. 10, 11).</p> <p>não aprendeu a le::r... ele sempre copiava e fazia as atividades através dos colegas.(ls. 19, 20).</p>	

	<p>da terceira sé::rie... ele foi pra curionó::polis... -vai contar uma história- -pra casa da tia... foi pra lá... levou ele pra lá::... surdo em curionópolis falava a linguagem de sinais... o professor ensinava o alfabeto(ls. 32, 34).</p> <p>em 1998 ele foi pro rio de janeiro... esperou lá:: pra estudar não tinha nada... ficava esperando não tinha na::da não fazia NAzinha lá...(ls. 37, 38).</p> <p>mãe dele achou por bem tirar ele... e vir pra cá::... com o irmão(+) lá na folha seis... procurando uma escola pra surdo(+) na sala de recursos...(ls. 39, 40)</p>	<p>A imigração é uma iniciativa para prosseguir o seu desenvolvimento na vida escolar.</p>
--	---	--

AS PRINCIPAIS DIFICULDADES EM CADA NÍVEL DE ENSINO (SERIES INICIAIS, SEGUNDO SEGMENTO DO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO, VESTIBULAR, ENSINO SUPERIOR).

	Trechos	Comentário das Pesquisadoras
Marta	<p>era com-pli-ca-do pra ela... por que eles ensinavam SÓ o português... a libras não era ensinada para o surdo... então os professores antes queriam que aprendessem o português... só português... tanto é que reprovavam em português...- -hoje ainda existe isso- -... e pra ela era mui::to difícil... muito... muito... muito difícil (ls. 37a 40).</p> <p>era muito difícil... ela sempre ficava em recuperação... ou então ela ia pra sala de recursos que já existia na época... (ls.53, 54) .</p> <p>a onde ela ia realmente aprender algo era na sala de recursos... a outra sala ela ficava observando... escrevia para poder levar para a sala de recursos(+) (ls. 64, 65).</p> <p>muito difícil... por que é redação... português... ela precisava estar fazendo... muitas vezes ela nem entende a pergunta... pra ela era tudo esquisito o enem ela nunca fez... tudo é difícil... o enem é difícil... ela fez uma vez só(+)(ls. 78, 80).</p> <p>ela acha muito bom aqui por que se for só a professora é uma confusão... não vai dar muito apoio por que tem muitos alunos dentro da sala... não conhecem libras...(ls. 84, 85).</p> <p>são poucos que ficam junto com ela... até pra ter essa interação- -(intérprete) eu chamei a turma pra dizer que eu estaria chegando as 18:00h pra ministrar um curso de libras- -mas não surtiu muito efeito... nós percebemos as pessoas um pouco distante dela...(ls. 93, 96).</p> <p>é muito difícil essa questão de interagir com a sala... são poucos que se aproximam dela...(ls. 102).</p> <p>tem pessoas que querem se aproximar dela e outras não... então assim... é uma divisão de grupos... são grupos diferentes... características diferentes...(ls. 149, 150)</p> <p>eles passam uns cd's que vem junto com a disciplina... que a professora passa e vai tirando dúvidas... porém nesses cd's na televisão para o ouvinte é bom... mas não tem legenda não tem intérprete... eu ((intérprete)) que preciso estar olhando e</p>	<p>Percebe-se a grande maioria dos profissionais que atuam com o surdo na sua maioria não sabem libras.</p> <p>Nota-se as dificuldades que a aluna sofreu na sala regular.</p> <p>É de fundamental importância que os educadores que atuam diretamente com eles e até mesmo os que ainda não tiveram esta experiência, conheçam esse processo histórico vivenciado pelas pessoas em situação de deficiência para que possam construir práticas pedagógicas, pautadas na reflexão para não se repetir no futuro os erros do passado e seus equívocos.</p> <p>Necessita-se romper barreiras atitudinais, paradigmas e estereótipos que rodeiam os interiores dos centros acadêmicos.</p>

	interpretando ou então ela tem que ficar fazendo leitura labial por que ela não quer perder nada... aí volta... vai pra casa a mãe ajuda... a família dela é ótima(ls, 154, 158)	
Keila	<p>a professora chamava ela até de burra por que ela não entendia algumas coisas que a professora falava... e ela falava obrigada professora... não pode ficar brigando... ela ficava com vergonha e essa vergonha pode ser até um medo...(ls. 20, 23).</p> <p>no quinto ano... quando ela viu aquela troca “meu deus do céu... trocou” e se assustou e haja professor e ia entrava professor e “meu deus do céu... e agora” e sempre trocava... ela não entendia muito o que acontecia... por que não era explicado(ls. 34, 36).</p> <p>a redação é horrível... ela não sabia que tinha redação... nem conhecia...(ls.55).</p> <p>poucas pessoas ouvem... parece assim que as pessoas discriminam... pouca conversa... é aquela questão... as pessoas não conhecem libras(+)(ls. 64, 66).</p> <p>só fala... fala... fala... fala... não olha... se não interprete seria pior ainda... nem olha... aí vem o dvd... não tem legenda é só o cd lá...(ls. 74, 75)</p> <p>ela acha que os alunos aqui ((os colegas)) é muito difícil... se encontram por ali... não se comunicam... não tem comunicação... a professora também o mesmo processo... difícil(ls. 95, 96)</p>	A pesquisa nos revela a situação excludente do surdo ao acesso das universidades públicas
Hélio	<p>na terceira série ele passa:::va... e::: o professor ficava só fala:::ndo ele não entendia na:::da... só copia:::va dos colegas... não conhecia na:::da... então as séries iniciais dele foi todo o tempo ele colando dos colegas...(ls. 17, 19).</p> <p>era diferente... não tinha amigo professor... era muito lega:::l... ele só diziam legal bom dia... não sabia o que era bom dia... e só dizia que estava legal... entrava na escola... escrevi:::a só dizia que estava legal pra todo mundo... por que ninguém entendia o que ele falava...(ls. 24, 26).</p> <p>tinha uma falha de comunicação MUIto grande... por causa dos professores na sala comum...(ls. 66, 67).</p> <p>MUI:::to difícil a disciplina... o pessoal do recurso... não::: tá nem aí lá... pra surdo... ele ficava mui:::to preocupado...(ls. 75, 77).</p> <p>a coordenadora de lá::: na época... e queria fazer uma pedagogia... e diziam que ele não podia fazer...(ls. 88, 89).</p> <p>ele nunca fez... por que toda vez que ele ia pra faculdade... que queria fazer... tinha o impasse da comunicação... e também a redação... como eles NÃO tem</p>	<p>Neste trecho percebe-se a superficialidade da inclusão do surdo no ensino regular., pois o aluno foi inserido na sala regular e as ações necessárias para a inclusão são limitadas.</p> <p>A necessidade de evoluir cognitivamente faz com que esses sujeitos procurem as instituições de ensino superior privadas para que de fato consigam prosseguir academicamente.</p>

	<p>os conectivos e preposições... não tem ligação... não tem nenhum elemento de coesão... nem coerência(+) como é que uma pessoa ia Avaliar a redação dele?... ia dizer que estava errado... por que ele não tem coesão... não tem coerência... preposição... ligação... arTIgo... não tem NA::da... ai no caso... como é que eu vou paSSAR? se a minha redação é diferente... então ele tinha receio de lá... então melhor... foi pagar uma faculdade particular(+) (ls 112 a 118)</p>	
--	---	--